



MUSICA

REVISTA DE ARTES

DIRECTORES
GASTÃO DE BETTENCOURT
JOÃO DE CAMPOS SILVA

N.º I

MUSEU ARQUEOLÓGICO DO CARMO

EXPOSIÇÃO DE AZULEJOS E LOUÇAS

(IMITAÇÃO DO ANTIGO PORTUGUEZ)

FABRICA DE CERAMICA "CONSTANCIA L.^{DA}"

DIRECTORES E EXPOSITORES

LEOPOLDO BATTISTINI e VIRIATO SILVA

Rua de S. Domingos, (á Lapa), 8 — LISBOA

FAIANÇAS DE AVEIRO

TAPETES DE VIL-DE-MOINHOS

JARRAS DE VARIOS FORMATOS,
CAIXAS, BOIÕES, CANDIEIROS, FLOREIRAS,
PRATOS, GOMIS, ANFORAS,
BILHAS PARA AGUA, ETC, ETC.

DEPOSITO EM LISBOA

RUA DO CARMO, 17 e 19

Compre
12. MAI 2010



REPRESENTAÇÃO EXCLUSIVA DA CASA

J. Heliodoro d'Oliveira —

ROCIO, 56, 57 E 58 — LISBOA



J. Heliodoro d'Oliveira

ARMAZEM DE PIANOS

Representante exclusivo das celebres marcas de

PIANOS

C. BECHSTEIN, de Berlim

Rud IBACH Sohn, de Barmen

STEINBERG & C., de Berlim

Gebr. ZIMMERMANN, A. G., de Leipzig

Venda, locação, concertos e afinação

AUTO-PIANOS e ROLOS

Grande stock de musica nacional
e estrangeira

GRAMOFONES E DISCOS

Endereço Teleg. OLIVEIPIANOS — LISBOA

TELEFONE N. 3660

ROCIO 56, 57 E 58

LISBOA



CASA
GOUVEIA MACHADO

Vende nas melhores condições
de qualidade e preço

Musicas, Pianos, Pianolas, Orgãos, Instrumentos de corda
e accessorios. Harmoniuns e uma infinidade
de instrumentos para creanças

GRAMOFONES E DISCOS desde 10\$00

A especialidade desta casa continua a ser **reparações em Pianos e afinações**
A montagem da **Oficina de Pianos** desta casa é a primeira do Paiz
e é também a que mantém pessoal mais habilitado ao seu serviço

COMPRAM INSTRUMENTOS USADOS, GRAMOFONES E DISCOS

Telefone N. 4306

Rua de S. José, 152 — LISBOA

Novidade Literaria

Ultimo Capitulo

TREZ ACTOS POR

Gastão de Bettencourt

Pedidos a esta redacção enviando-nos a importancia de Esc. 6\$50

DE TEATRO

Revista de Teatro e Musica

DIRECTOR

Mario Duarte

2.º ANNO

Praça dos Restauradores, 13

TELEFONE N. 2914

LISBOA

TODOS OS MESES

UMA

PEÇA DE TEATRO

COMPLETA

EMPREZA COLONIAL LIMITADA

Praça do Municipio, 32, 1.º

SUCURSAES EM LOANDA E BENGUELA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

GENEROS COLONIAES, CHÁS, ESPECIARIAS,

ALGODÃO, ESTANHO,

FOLHA DE FLANDRES, METAES, ETC.

MUSICA

REVISTA DE ARTES

Séde Provisoria
RUA DA LUTUA, 20-2.º
Telef. C. 4068

N.º 1

LISBOA
15 DE JULHO DE 1924
ANO I

PELA ARTE

Musica não tem programa porque é difficil, quasi impossivel, no momento actual, descriminar a sequencia de uma ideia.

Musica acompanhará esse momento, adaptando á hora que passa o que de mais elevado possua o nosso Pensamento de Arte.

Para isso, *Musica revista de Artes*, procurará crear um ambiente imparcial onde se encontre a verdade Artistica.

Portugal possui todos os elementos para que triunfe em todas as manifestações intellectuais. Com valores positivos, alguns consagrados, outros em inicio e a maioria ainda no incognito, no isolamento ou possuidos de medo ou vergastados por aquela critica que louva as nulidades e passa indifferente pelos valores da Raça. — Portugal tem de marcar o seu verdadeiro logar na Historia da Arte.

E' necessario que o grande publico conheça o seus artistas — que os seus nomes não pertençam sómente a uma *élite* restricta, mas que sejam decorados, respeitados e consagrados pela grande multidão que sabe sentir.

São essas multidões que immortalizam os artistas. Wagner considerou-se triunfante no dia em que as camadas operarias começaram a compreender a sua Obra.

E' necessario educar, crear ambiente, promover a propaganda musical por todo o paiz e desde que esta propaganda saiba impôr-se, logo nascerá simultaneo o interesse por todas as Artes.

Procurarêmos ser justos.

Criticar não pode ser uma questão de vaidade, intriga ou inveja. A missão da Critica deve impor-se pela sua imparcialidade.

Severa para os que, com ou sem razão, possuem a aureola de consagrados; justa para os que tenham responsabilidades iniciadoras de nome; condescendente para aqueles que começam.

Pelo Portugal Artistico : — eis a sintese do nosso Pensamento.

Divulgação musical

Musica vae continuar a obra de divulgação iniciada com a "*Vida Musical*", dissémos no nosso programa, nesse programa que "*póde ser alterado por motivos imprevistos*".

E' justo que digamos o que já fizémos. Não para enaltecer a missão que nos impuzémos, porque da grandeza de ela temos a verdadeira consciência, mas para que *Musica* entrando no vasto campo em que entra, apresente a dar auctoridade ás nossas promessas, aquilo que fizémos e que, não por cansaço ou fraqueza nossa, não levámos mais longe.

Começámos por levar ao Porto, completa e até reforçada com bons elementos, a grande orquestra que o notavel maestro Fernandes Fão tem dirigido com tão invulgar competencia. Foram dois os concertos dados no teatro S. João e do seu enorme successo já disséram bastante os criticos da capital do norte.

Oscar da Silva, o pianista notavel e um dos nossos maiores compositores, prestou-se gentilmente a auxiliar a nossa campanha e assim foram possiveis os concertos realizados em Coimbra, Aveiro, Leiria e Portalegre, num total de 8 recitales, onde uma verdadeira *élite* soube prestar a devida homenagem ao grande artista e aplaudir a nossa iniciativa.

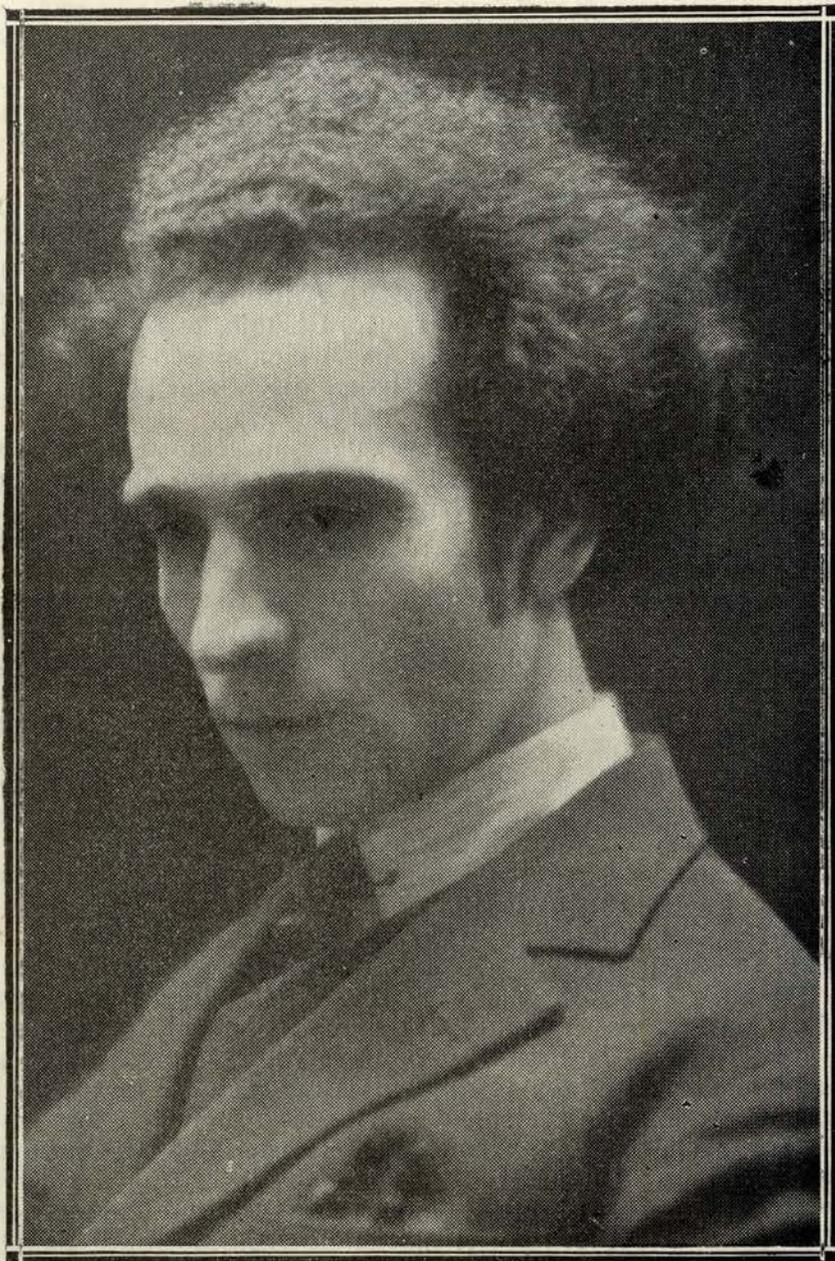
Geralmente esses concertos foram precedidos de conferencias por Gastão de Bettencourt e Oscar da Silva. Este ultimo falou sempre sobre a forma de interpretar Chopin. Não nos cansaremos de mostrar a conveniencia de todos os concertos serem precedidos de palestras sobre os auctores interpretados, a sua epoca, a sua vida e as suas obras.

Nos dois ultimos concertos realizados em Leiria tivémos a valiosa colaboração da illustre cantora sr.^a D. Corina Freire, a cujo valor prestamos a devida homenagem e dos consagrados artistas Varela Cid e Manuel Silva.

Estes concertos de bôa musica na provincia teem por fim crear um ambiente favoravel, por uma preparação consistente, afim de que os nossos artistas, ao completarem os seus cursos, possam entre nós receber as compensações a que o seu trabalho de alguns anos lhes dá incontestavel direito.

Entretanto promoveremos conferencias e concertos de divulgação musical, não só com artistas nossos, como com artistas estrangeiros.





CLAUDIO CARNEIRO

Claudio Carneiro

Tivemos ha pouco, na nossa passagem pela capital do Norte, o grato ensejo de conhecer Claudio Carneiro. No templo de Arte Augusta que é a Casa de seu Pae, o Pintor Antonio Carneiro, apostolo da Belleza maxima, o singular confidente da alma das coisas, o Artista extranho cuja vida tem sido uma ascése constante para a Perfeição, Claudio, essa figura curiosa de Artista, quasi mumificado, reflectindo na sua expressão a luz interior de um interminal anseio de mais Alto, fala-nos discretamente, quasi a medo, do seu triumpho como compositor, na capital franceza.

Mas não nos fala com essa enfase que conhecêmos em certos valores hipoteticos que por ahí se pavoneiam causando o pasmo das gentes de boa fé e de facil contentamento. Não; Claudio Carneiro tem quasi medo de nos falar de si e as nossas palavras de justa admiração e de encitamento quasi que o magoam.

São assim os verdadeiros Artistas. E' assim seu Pae, o Mestre para quem a natureza não tem segredos, o Artista mystico que sabe ouvir o silencio e comprehender a dôr de tudo o que nos rodeia e sofre porque tem Vida.

Delicioso quarto de hora passámos a ouvi-los numa cumunhão de ideias que nos lisongeou.

Não tivémos o ensejo de ouvirmos Claudio Carneiro arrancar ás vibrações cordas do seu violino os acordes suavissimos com que expande a sua tragedia intima, mas têmos presentes as opiniões de dois dos mais consagrados criticos francezes, que nos é grato transcrever e que melhor dirão do valor do nosso singular Artista.

Th. Lindenbaud, escrevia no *Temps* de 9 de Novembro ultimo: "Au concert suivant nous avons entendu un *Prélude, choral et fugue* de M. Claudio Carneiro, compositeur portugais qui a étudié à Paris et enseigne son art au Conservatoire d'Oporto. Dans ce traitement de formes classiques, il a fait preuve de maîtrise. Son triptyque témoigne d'une absolue sûreté de main. E'crite pour instruments à cordes, cette pièce concise, de proportions et de sonorité également excellentes, va, d'une allure soutenue, jusqu'à la fugue claire et mouvementée qui la termine par un développement sans langueur. Un "chef d'œuvre" dans le sens où on l'entendait autrefois et dans sa tenue voulue, ce n'est point du tout une pièce morte".

O conhecido critico Alfredo Bruneau no *Matin* de 29 de Outubro ultimo escrevia :

"M. Gabriel Pierné a joué un morceau de M. Claudio Carneiro: *Prélude, Choral et Fugue*, remarquablement écrit pour le quatuor à cordes. C'est très musical, fort bien équilibré, solidement établi et construit, de forme classique, d'allure sévère, de style irréprochable; cela sonne à merveille et ne mérite que des éloges. Mais l'exercice scolaire apparaît un peu trop visiblement à travers le prestige de cette savante architecture



CACILDA ORTIGÃO

Notavel soprano ligeiro portuguez que tanto se tem evidenciado no Brazil e em Portugal

polyphonique ou l'imagination s'efface devant la volonté. Une telle page obtiendrait sûrement le premier prix au Conservatoire. Le public lui a décerné la récompense de ses applaudissements».

E'-nos extremamente grato sempre registrar o triunfo dos novos, principalmente d'aqueles que, como Claudio Carneiro, triunfam pelo seu valor positivo e não pelo favor de um ambiente creado á força de amizades, muitas vezes comprometedoras.



GASTÃO DE BETTENCOURT.

A opera "Nero" de Arrigo Boito no Teatro Scala de Milão

No dia 3 de Maio do corrente ano teve logar no Teatro Scala de Milão a primeira representação da celebre opera "Nero", de Arrigo Boito. Foi um dos maiores acontecimentos musicaes dos tempos modernos. Foi a grandiosa apoteose do notavel trabalho onde durante 36 anos se idealizou e se concretizou a inspiração de uma alma de artista. Jámais atingida, a seu vêr, a perfeição que sonhava, os anos passaram na remodelação da sua obra, e Arrigo Boito não assistiu infortunadamente a esse triunfo que foi uma imponente consagração do seu nome e do seu brilhantissimo talento.

Dificil se torna relatar em poucas palavras os merecimentos duma obra, cuja apreciação preenche hoje colunas da imprensa mundial.

Arrigo Boito teve na unidade de concepção dessa obra um dos grandes elementos da sua perfeição. Foi o autor do libreto e o compositor da musica.

São portanto como que as suas proprias palavras que as suas notas traduzem, é a reprodução musical da acção que ele proprio sentiu, é o harmonico conjuncto duma mesma inspiração, por isso sublime.

Na grandiosidade dum scenario que constitue a mais completa realização artistica dêstes ullimos tempos, Nero surge como evocação exacta doutras epocas, traduz com suggestiva minucia as violencias de desencontradas paixões, a tirania cruel, a mística suavidade, a exaltada fé daquelas eras longinquas. Sucedem-se alternadamente as tragicas notas angustiosas e selvagens de Nero, a doçura melodiosa dos cantos de Rubria, as graves e serenas harmonias das preces cristãs, a imponencia da marcha imperial, o desfilar do cortejo festivo na vibrante sonoridade dos instrumentos metalicos e a deslumbrante magia do incendio de Roma cujo horror se traduz, intenso, palpitante, angustioso pelo som estridulo das dissonancias que propositadamente completam o efeito desta orquestração musical.

Os artistas meticulosamente escolhidos para esta primeira interpretação da obra do grande Mestre e o distinctissimo maestro Artur Toscanini foram delirantemente aplaudidos, mas as arrebatadoras aclamações que victoriaavam o nome de Arrigo Boito e consagravam a sua obra é que ecôm hoje entusiasticamente por toda a Italia, pois representam uma victoria e uma glorificação da arte lirica italiana.

RIPAMONTI OLIVEIRA.



NO PROXIMO NUMERO:

GUITARRISTAS PORTUGUEZES

por LUIZ FREITAS BRANCO

Classificação de Voz

POR VERA GHARB

Classificar uma voz no começo do estudo de canto, não me parece, em certos casos, coisa tão facil como se possa supôr, nem tão isenta de perigos que se devam desprezar, podendo, até por má classificação, chegar-se á perda total da voz cantante.

E' facil de compreender que um órgão fisiologicamente preparado para a emissão de notas no registo agudo como soprano, não possa, sem graves inconvenientes, adaptar-se ás notas graves dum contralto. Do mesmo modo, um órgão preparado para as notas graves dum contralto, não pôde, sem grandes riscos, ajustar-se ás notas agudas dum soprano.

Classificar uma voz sómente pelo timbre, como diz Lievens, acho pouco. Classificar pelo timbre e pela tessitura é já muito, mas ainda não é bastante para determinados casos. Faure diz que a tessitura, só por si, pôde indicar a natureza da voz, e, portanto, a categoria em que deve ser colocada.

A experiencia fundada na pratica do ensino do canto nem sempre pôde dar resultados seguros na classificação da voz, embora a voz falada, por vezes, forneça indicios certos.

E para não ir procurar exemplos extranhos, vou contar o que se deu comigo.

Contava 17 anos quando comecei a aprender a cantar. Estava assim já na idade de poder afoitamente encetar os meus estudos sem maiores riscos para o meu órgão vocal.

Depois de alguns exercicios, a minha voz recebeu a sua primeira classificação — a de soprano — e, como explicação a algumas observações que se fizeram por essa ocasião, argumentava-se que eu tinha o *dó* de soprano. E, contudo, eu não me encontrava muito á vontade na tessitura dêste genero de voz. Presentia que dispunha de cavidades sub-glóticas e tórasicas mais amplas, porque as minhas notas de peito encontravam ali melhor apoio. Depois, era ainda o timbre da minha voz abaixo do médio a confirmar as minhas suposições. E, no entanto, eu filava e ainda hoje filo as notas agudas como um soprano o pôde fazer, participando assim da natureza desta voz.

Passado algum tempo a minha voz recebeu nova classificação; e, desta vez deram-lhe a de contralto, para depois passar á de soprano dramatico, e por fim á de contralto-*mezzo*-soprano. Presumo que não será ainda a ultima palavra, e esta, talvez seja dada por mim.

Pelo conhecimento que tenho do meu órgão vocal e dos estudos que tenho feito, suponho que não sou contralto, nem *mezzo* soprano, e muito menos soprano. Serei, talvez, *alto*, adoptando esta classificação, ou muito proximo dêste género de voz.

Vou dizer em que me baseio.

Falando do *alto*, diz o autor do livro "La voix professionnelle" qu'il est

d'une grande étendue, puissant, bien que légèrement couvert et mat, mais d'une très belle plasticité. C'est la plus belle des voix de femmes, — infelizmente não é este o meu caso — souvent déviée vers le soprano dramatique, ou vers le contralto et perdue par l'effort de poitrine ou l'appui dans la masque.

Type grave de la voix de femme, tout à fait distinct du *mezzo*, qui est encore un soprano, et déjà proche du contralto surtout par son timbre. L'alto a de belles notes dans le haut et dans le grave, qu'il peut faire valoir sans renforcement de poitrine. Son timbre se marque nettement à côté du soprano, par sa teinte triste et profonde. Il est au soprano ce que l'alto à cordes est au violon, et au contralto ce qu'il est au violoncelle."

A minha voz póde classificar-se extensa, e tem plasticidade. Percorre do *mi* natural subgrave—suplementares inferiores—ao *dó* de soprano. Quasi tres oitavas. Para baixo do *mi* natural sub-grave, as notas não teem já timbre para que as possa considerar audíveis.

O que acabo de dizer não é por vaidade, mas, simplesmente, como argumento para poder convencer.

Pelo timbre, a minha voz está mais proxima do contralto do que do *mezzo-soprano*, que não deixa de ser um soprano, segundo Bonnier. As notas graves teem a sonoridade peculiar á voz de contralto, e os agudos uma côr que os aproxima muito do soprano, o que constitue uma das características do *alto*.

São aproximadamente estas as características do *alto*, como acima vemos.

Do que acabo de expôr, veja-se apenas a sincera apresentação do resultado dos meus estudos.

Disse que o timbre e a tessitura não bastam, em alguns casos, para classificar a voz. E, quando assim suceda e no espirito do professor nasça a dúvida sobre a natureza da voz, entendo que êle não deve hesitar em aconselhar o exame da garganta, feito pelo laringologista.

Mounier, que isso aconselha, apresenta os seguintes casos que se podem dar:

1.º—Quanto mais compridas fôrem as cordas vocais, tanto mais lentas serão as vibrações.

2.º—Quanto mais curtas fôrem as cordas vocais, tanto mais rapidas serão as suas vibrações.

Explicam os livros que os sons graves são dados por um pequeno numero de vibrações dum corpo, ao contrario dos agudos, que são produzidos por um numero consideravel de vibrações.

O limite dos sons graves é até representado por 32 vibrações por segundo, não sendo o som perceptível abaixo dêste numero, ao passo que o limite dos sons agudos é de 70.000 vibrações por segundo, não se percebendo o som acima dêste numero.

O som mais baixo da voz humana dá 160 vibrações por segundo; o mais alto atinge 1.048.

3.º—Quanto mais grossas e largas (compridas ou curtas) fôrem as cordas, tanto mais amplas e fortes serão as vibrações.

4.º—Finalmente, quanto mais delgadas elas fôrem (compridas ou curtas) tanto mais fraca em intensidade é a voz.

Conclue-se que, quando as cordas vocais fôrem compridas, a voz deverá ser grave; sendo curtas, é aguda; quando fôrem largas e grossas é signal de que a voz será poderosa, e que ás cordas vocais delgadas corresponderá uma voz fraca.

E assim o tenor dramático terá cordas curtas e um tanto grossas; o tenor lírico e ligeiro cordas curtas e delgadas; o barítono cordas médias no comprimento e espessura; o baixo, cordas compridas e grossas; o soprano, cordas curtas; o *mezzo-soprano* cordas médias, e o contralto, cordas compridas.

O exame laringoscópico feito á minha garganta, acusou cordas vocais compridas e grossas.

Claro está que a respiração entra como coeficiente de valor no maior ou menor poder da voz. Facilmente se comprehende que, se o ar expirado fôr fraco, não poderá nas cordas poderosas dar-lhes a força que teriam se fôsem actuadas por uma expiração igualmente poderosa.

E vê-se assim que, em caso de dúvida na natureza da voz o medico laringologista poderá classificá-la pela extensão e espessura das cordas vocais.

Segundo a sua tessitura, as vozes pôdem classificar-se em: baixo, barítono e tenor, nas vozes dos homens; contralto, *alto* e soprano, nas vozes das mulheres.

Esta classificação é adoptada por Bounier.

Algumas destas classes pôdem ainda subdividir-se, conforme a maior ou menor sonoridade da voz no registo agudo ou grave, não saindo, porém, da sua tessitura.

E teremos o baixo profundo, o baixo cantante e cómico; o barítono grave, o barítono tipo Verdi, de que temos um exemplo num nosso amador-artista, e ainda o barítono Martin, de que temos também um exemplo entre os nossos amadores, cuja voz é perfeitamente caracterizada pelas suas notas de tenor, conservando, porém, o timbre particular do barítono nas médias; o tenor dramático, caracterizado pela voz de peito, o tenor lírico e o tenor ligeiro que empregasse a voz de cabeça ou de falsete para as notas agudas, que é a sua voz mais habitual no registo respectivo, e que tão bons efeitos produz no canto, quando applicada com arte.

Estas vozes não excedem de ordinário duas oitavas.

O contralto é a voz mais grave da mulher—tanto como o *alto*. E' rica em sonoridade e de grande brilho nos graves.

O *alto*, a que já me referi, é das mais raras vozes de mulher, mas, também das mais perigosas, porque o professor pôde iludir-se, devido á extensão dos registos grave ou agudo, e desviá-la para um ou outro extremo; e o desvio, nestas circumstancias, pôde ocasionar a perda total da voz.

E' sempre mau desviar uma voz, ou exigir a um registo mais do que pôde e deve dar.

Conheci uma senhora que tinha linda voz de contralto, e cujos graves eram dum poder e encanto extraordinários. Querendo, naturalmente, manter nessas notas a sua força sonora e aumentar ainda as notas extremas dêsse registo, pediu ao peito maior esforço do que devia, sem se lembrar do caminho perigoso que trilhava pelo esquecimento das médias e do registo agudo. O resultado não se fez esperar; a voz quebrou-se-lhe, abrindo entre os registos extremos, o que os francezes chamam um *trou*. Os graves ficaram fortísimos, mas as médias e agudos, infantis. Esta senhora, quando cantava, dava a ideia de que era mais duma pessoa a cantar, numa ilusão então perfeita, quando o auditor estava numa sala diferente.

Diz Bounier que a quebra de voz — *trou* — é devida em geral a uma arthrite da aritnoidéa que se opõe á realização de certas atitudes vocais, e á coordenação de determinados esforços combinados de tensão vocal.

O soprano subdivide-se em *mezzo-soprano*, cuja sonoridade é maxima

no registo grave, e muito apreciavel no medio da voz, em soprano dramatico, que é o soprano forte e uma boa voz de opera, e em soprano lirico e ligeiro, este ultimo notavel pela sua grande flexibilidade nas musicas que requerem grande agilidade.

Ha ainda em França o *Falcon*, voz que se aproxima muito do *mezzo-soprano*, e o *Dugazon*, que é igualmente uma voz de *mezzo*.

A classificação de *Falcon* provem da celebre cantora franceza Marie Cornélie Falcon, que dispunha de bela voz de *mezzo*, muito extensa, com grande força nos registos grave, agudo e médio. Esta cantora, que era dotada de raro talento e se tornou tão celebre, que deu o seu nome á classificação duma voz, numa noite em que cantava no teatro, perante numeroso publico que acudia sempre ás suas audições, perdeu repentinamente a sua linda e magnifica voz, sem causa aparente que pudesse explicar tão estranho caso, não mais a recuperando.

Dugazon é tambem uma voz de *mezzo*, e, este nome é hoje dado ás actrizes cantoras da opera comica, que se distinguem nos papeis que foram criados pela cantora *Dugazon*, que se tornou notavel pela sua grande sensibilidade, infinita graça e viveza.

As vozes de mulher não excedem vulgarmente mais de duas oitavas e meia.

Temos ainda a voz de cabeça ou de falsete, que muitos querem não seja uma e mesma coisa.

Esta voz parte da laringe para a produção do som acima do registo medio, isto é, da voz de peito e com o auxilio do faringe para a emissão da voz de cabeça ou cavidades superiores do orgão fossador.

Esta especie de voz é rica de recursos para o colorido musical, prestando-se admiravelmente para exprimir os sentimentos suaves.



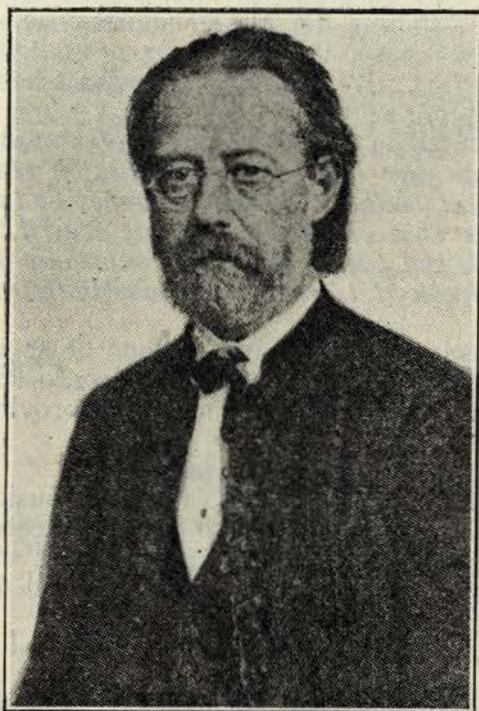
**Todas as pessoas a quem
enviamos o presente nu-
mero e não no-lo devol-
vam são consideradas as-
sinantes.**

Bedřich Smetana

(1824-1884)

Sua vida, sua obra e seu tempo

POR GASTÃO DE BETTENCOURT



Bedřich Smetana nasceu a 2 de março de 1824 em Litomyšl. Depois de ter aprendido composição com Josef Proksch, foi sucessivamente mestre do conde Leopoldo Thun, fundador de uma escola de música, director dos concertos do velho imperador Fernando I, director de música em Goeteborg, na Suecia.

Critico musical do "Narodny Lishj", lutou com tenacidade e entusiasmo pelo desenvolvimento da cultura tcheca.

No fim da sua vida sofreu do mesmo mal que Beethoven, retirando-se então, entristecido e desalentado, para Jabkenice, continuando ali a sua vida de compositor. Esgotado por uma fadiga nervosa cada vez mais intensa, abandonou a sua actividade, caindo então numa neurastenia completa que o levou a uma casa de loucos, onde faleceu a 12 de maio de 1884.

William Ritter, no seu livro sobre Smetana, considera-o uma especie de Messias da musica e da renascença nacional dos tchecos, tendo sido a sua vida uma verdadeira imolação do seu genio musical ao seu patriotismo desassombrado.

Desde muito novo se dedicou á musica e ao contrario de todos os seus compatriotas que, ao sentirem-se com talento emigravam para os grandes centros, onde tantos se tornaram celebres, Smetana preferiu dedicar-se afincadamente á admiravel mas ingloria tarefa de criar uma musica que perfeitamente coubesse a dentro das aspirações e do character tcheco, uma musica nacional, enfim.

Não lhe valeu isto a admiração dos seus compatriotas, porque mais uma vez se confirmou o apologo *nemo propheta in patria*, e a sua sensibi-

lidade delicada teve de sofrer a dura verdade, eternamente confirmada, que deu origem ao adagio fatidico.

De uma sensibilidade requintada, pequeno de corpo, mas de alma impressionavel e terna, não poude fugir ao seu destino, que é o certo destino de todos aqueles, cujas aspirações estão acima do egoismo brutal, da indiferença ou da inveja dos que nada podem, nada fazem e, o que é peor, nada permitem que se faça de util, de bom, de honesto e desinteressado.

Liszt foi um dos seus mestres e o seu maior protector.

Depois de Smetana é que apareceram Novak, com a sua "Suite Slovaque", e Suk, com a sua sinfonia "Arael", como foi devido a Smetana, que Praga se tornou um verdadeiro centro artistico, devendo-lhe o teatro "Narodin Divadlo", construido a expensas do Estado.

Ritter, o seu biografo, diz que Smetana abriu o Parnaso á melodia popular tcheca e soube conduzir a musica universal a esse povo. Antes dele, havia o privilegio da aristocracia e da burguezia alemãs. Depois dele, um Dvorack e um Fibich, sem em nada abdicar das suas conquistas nacionais, regressam á sinfonia classica, infundindo-lhe uma seiva nova, toda local, dando-lhe, emfim, uma alma tcheca. E' então que a musica tcheca existe, tem forma e autoridade, pode impôr-se.

E assim, conclue Ritter a sua apologia ao valor do desventurado artista: *Or il est faux, après tout de dire que les circonstances où vécu Smetana furent indignes de lui; le seul malheur est que, á propos de lui, il les faille expliquer. Du reste, le foie dont ce pélican du genie nourrit la nation tchéque pendant le demi-siècle de son aurore était de la substance de Prometheo: ce qu'il perdait d'une façon il le regagnait immédiatement de l'autre.*

Depois da guerra de 1620 a Bohémia passou por um periodo de acentuada decadencia a ponto de que o proprio idioma apenas era tolerado nos camponezes rudes e boçais. Era em toda a sua apparencia, uma provincia alemã.

Mas sob o sol ardente das inclemencias o povo cantava sempre.

Não é só nos momentos de felicidade que os povos cantam; a musica é tambem uma forma usada pelos povos para a revelar o seu sofrimento, as suas amarguras, as sombras das suas desalentadoras apreensões. E' ela que prepara muitas vezes os grandes resurgimentos, levantando o moral do povo.

Funda-se então o Conservatorio de Praga, de que Divis Weber foi o primeiro director.

Entretanto a musica torna-se mais humana, mais apaixonada, segundo o gosto, as aspirações e as fraquezas do tempo. Aparecem então Jan Vaclav Kalivocla, Kilde, Vaclav Jundrich Veit.

Smetana veiu precisamente na epoca em que devia aparecer e de então melhor se afirma, cria raizes e desenvolve o caracter dos tchecos na musica, a sua individualidade tam interessante e caracteristica.

A musica é a arte que melhor nos põe em contacto com o ser intimo de um povo e o tcheco deve incontestavelmente ao autor da "Noiva vendida", obra absolutamente tcheque, pelo seu colorido, pelo seu caracter, o que os alemães devem a Webber pelo seu "Freychutz"; uma obra absolutamente nacional que ficará para sempre como um documento eloquente do caracter do temperamento, da sua maneira de ser particular.

Partidario ferrenho da musica de programa, Bedrich Smetana contribuiu

largamente para a sua evolução no dominio da sinfonia e da musica de camera.

A primeira opera de Smetana *Les Brandebourgeois en Bohème* foi representada em 1866 sob a sua direcção. Entretanto já trabalhava afanosamente na sua *Noiva vendida*, cuja abertura sinfonica é, salvo erro, a unica obra conhecida do nosso publico por ter sido já algumas vezes executada nas nossas orquestras.

Em seguida compoz *Dalibor, Libuse*, cuja primeira representação teve logar em Junho de 1881, uma pequena opera comica intitulada *As Duas Viuvas*, uma opera popular em dois actos, *O Beijo*. Devemos ainda citar *O segredo*, *A parede do Diabo*, sua ultima obra lirica, composta já com esforço, debaixo da terrivel angustia do impiedoso mal que o havia de aniquilar.

A par destas composições liricas, o grande compositor compunha o famoso ciclo de poemas sinfonicos *Minha Patria* e o grande Quarteto *Da minha vida*, *Os cantos da tarde*, *Ricardo III*, *o Campo de Wallenstein*, *Hakon Jarl*.

Bedrich Smetana foi ao mesmo tempo um chefe de orchestra cheio de entusiasmo, e como pianista juntava á sua grande tecnica, uma sensibilidade requitada.

GASTÃO DE BETTENCOURT.



PELO CONSERVATORIO

Foi assinado um decreto nomeando para o cargo de sub-director do Conservatorio Nacional de Musica, o professor de harmonia daquela casa de ensino, sr. Herminio do Nascimento,

Consta que o Conselho Escolar do Conservatorio de Lisboa vai pedir ao governo que não abra concurso para as vagas de professores de canto, italiano e outros, sem se proceder á revisão do diploma organico daquele estabelecimento.

O professor sr. Tcmaz Borba, bibliotecario do Conservatorio pediu a todas as casas editoras de musica e obras didaticas para que enviem á referida biblioteca um exemplar de cada obra que publiquem. A este pedido, consta-nos que tem correspondido quasi todas as casas editoras da especialidade.

Deve ser inaugurado no proximo mez de outubro o Museu de Instrumentos do Conservatorio de Lisboa.

Algo sobre el "sinfonismo"

POR ADOLFO SALAZAR

Está por escribir, y quizá no por mucho tiempo, una "Crítica de los elementos sinfónicos" que establezca puntualmente la extensión que puede darse al calificativo "sinfónico" y al "sinfonismo" como género, al passo que muestre el alcance estético de esta clasificación y las causas íntimas de su desarrollo a partir de las primeras obras instrumentales a las que se denominó de esta manera. Por el momento, lo que nos interesa consignar es que el "sinfonismo", tanto en su significado de cualidad inherente a una clase de música, como en el de cierto sesgo especial de la actividad creadora de una clase de compositores, es un término cuyo valor data del momento en que comienza a pensarse que el más alto pináculo musical está en el desarrollo temático de las obras de Beethoven: sinfonías, cuartetos y sonatas. "Sinfónico" significó entonces "lo que está construido como una sinfonía", y, en reciprocidad, "sinfonía" no querrá decir otra cosa sino "sonata para orquesta". La cualidad "sinfónica" de una obra no será, pues, sino su capacidad de establecer toda su construcción en la virtud especial de alguno de sus temas, virtud que consiste en un misterioso derramamiento de su propia sustancia, que, recogida y manufacturada como cosa aparte, da origen a los profusos devanamientos que se conocen con el nombre de "desarrollo temático".

Tal virtud era en Beethoven, como sigue siendo en todos los músicos verdaderamente grandes, una virtud "esencial", esto es, una virtud que residía en la medula de la cosa, no en su apariencia externa. Vista desde fuera, la "virtud" queda convertida en "procedimiento". Se estudiaron los modos y maneras que afectaba en Beethoven su desarrollo temático, al que no consideraba ya cosa peculiar de la sinfonía, sino que lo había transportado a toda otra obra del género sonata; se codificó su "modus operandi", y así tuvo origen ese error fundamental de la música instrumental del siglo XIX el "desarrollo temático de forma". El desarrollo sinfónico "temático" está basado, naturalmente, en unas bases rítmicas, tonales y, aun en último extremo, expresivas y de color. Cuando se pudo ver que cabía la posibilidad de reducir a un mínimo el tema como frase, y trasladar la atención a esas bases rítmicas, tonales, expresivas o de color, sin que por eso se perdiese la cualidad "sinfónica" de una obra—puesto que esta cualidad es, como se ve, netamente intencional—, el "sinfonismo" entró en su momento de apogeo; pero está claro que el compositor se veía obligado a buscar nuevas maneras de forma, puesto que las antiguas dependían netamente del "tema como frase", y, por consiguiente, el nuevo "desarrollo sinfónico" era cosa que se encontraba en pugna con el "desarrollo de forma" anterior, ahora ya vacío y sin significado, como una casaca colgada de una percha. Tal es hoy el aspecto que ofrecen al auditor las obras de esta índole posteriores a Bee-

thoven, y sabido es cómo Franck y sus discípulos intentaram volver al principio vivificador, a la "variación", elemento de unificación buscado desde los tiempos de la "suite", abandonando los moldes vacíos en vigor entre los germanistas, y creando otro tipo nuevo de sinfonismo: el que reconoce como elementos principales la "célula temática" con sus tres imperativos rítmicos, tonales y expresivos. Con ese tipo nuevo entramos en la época actual; pero, para mostrar el caso del sinfonismo en los compositores rusos y en los románticos alemanes es necesario volver a los años medios del siglo.



ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA

Terminaram os exames nesta Academia, com os quaes ficaram encerrados os trabalhos escolares deste ano lectivo.

Para se avaliar a importancia desta simpatica e antiga instituição no ensino de musica aos seus socios e seus filhos, de ambos os sexos, damos em seguida o resultado do aproveitamento :

Rudimentos, passagem por média para o segundo ano, 84 alunos ; para o terceiro 51, exame final do terceiro ano 14.

Violino, passagem por média para o segundo ano 21 ; para o terceiro 10 ; para o quarto 17 ; para o quinto 4 ; para o setimo 1 e para o oitavo 2.

Piano, para o segundo ano 19 ; para o terceiro 4 e para o setimo 1.

Canto, para o segundo ano 6.

Violeta, para o terceiro ano 2.

Contra-baixo, para o segundo ano 2.

Violoncelo, para o segundo ano 5 e para o terceiro 1.

Oboé, para o segundo ano 1.

Clarinete, para o segundo ano 1.

Flauta, para o segundo ano 1.

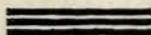
Cornetim, para o segundo ano 2.

Harmonia, para o segundo ano 1 e para o terceiro 2.

Total 252 aprovações.

Neste elevado numero de alunos ha verdadeiras vocações, algumas das quaes a numerosa assistencia á ultima audição realisada teve ensejo de apreciar e de aplaudir.

Para este bom resultado concorre poderosamente o escolhido corpo docente, todo composto de professores dos mais considerados.



No proximo numero
"Momento Musical"
-versos- pelo doutor
Americo Cortez Pinto



■ PARA A ALMA ■
DO GRANDE ARTISTA
JOSÉ VIANA DA MOTA
NO DIA DA FESTA EM
SUA HOMENAGEM EM
6 DE JUNHO DE 1924

*Ouviste a voz do mar no além da solidão
E guardaste-a, a arfar, no fundo do teu peito.
Sentiste o vento, ao longe, em voo mal sujeito
E com ele pulsou teu grande coração.*

*Feriu-te entre o clamor febril da multidão
A voz fatal do Poeta, em sonho insatisfeito.
De cada coração, batendo em cada peito,
Resoou um éco em ti de multipla emoção.*

*Desses gritos, porém, tua alma fez um grito
E dele um sonho em flôr, vasto como o Infinito
Que a tua Arte traduz em realizações calmas . . .*

*Por isso é que nessa Arte o encanto é tão profundo.
Por isso é que ha disperso em ti um grande mundo,
Oh! alma que contens a alma doutras almas.*

OLIVA GUERRA.

Herminio do Nascimento



Principalmente depois da apresentação do Orfeon Academico de Lisboa, o nome do seu illustre Director começou a interessar a opinião publica que creou em sua volta aquele ambiente de interesse e respeito que atingem os triunfadores do ideal artistico.

Herminio do Nascimento, cuja natural modestia é bem a caracteristica dos temperamentos que possuem um valor consciente, depois de um trabalho persistente, i cansavel, conseguiu finalmente reunir os rapazes das Escolas Superiores e formar um grande e já seguro orfeon que honrando Lisboa, fica sendo um extraordinario elemento de propaganda musical.

O illustre maestro e professor de composição do Conservatorio Nacional de Musica, desde ha muito que possuia o ardente desejo de preparar uma grande massa coral a fim de serem interpretadas as grandes obras de conjunto, entre as quais se conta a celebre *Nona Sinfonia* de Beethoven, ainda não ouvida em Portugal.

Para conseguir a realidade desse sonho, Herminio do Nascimento fez varias tentativas, destacando-se a do orfeon do Liceu Pedro Nunes que se apresentou em S. Carlos, cantando

entre outras, um coral de Schumann e outro de Palestrina. Mais tarde, quando do festival da Paz, no Jardim Zoologico, juntou aqueles estudantes aos da Casa Pia e apresentou um orfeon de 400 figuras, facto inedito em Portugal.

Muito estudioso, tendo pela musica uma grande fanatização, envolveu-se nos trabalhos de investigação historica para musicar as farças e autos de Gil Vicente, realisar a ressurreição musical das folias e chacotas vicentinas, reconstituir as dansas populares do seculo XVIII e ainda os ensaios sobre a musica grega, de que fez apresentar pela primeira vez em Portugal o fragmento do celebre Hino a Apollo, a pedido da Faculdade de Letras.

Entre os seus trabalhos musicais, distinguem-se os seguintes: *Soror Mariana*, drama lirico em um acto; *Auto do Fim do Dia*, para solos,

coros e orquestra, sobre um poema de Correia de Oliveira; as pantomimas *Pierrot anarquista* e *Pantomina das Flores*, respectivamente de Henrique Lopes de Mendonça e Acacio de Paiva e Augusto de Castro. Todas estas obras já foram executadas em Lisboa.

Ainda citaremos dois quartetos de corda; duas sonatas e varias peças para piano; uma sonata, um *scherzo* e varias peças para violino e piano; um quinteto para piano e corda; uma abertura e uma suite para orquestra; trez musicas para orquestra e coros; varios trechos para canto, piano e orfeon.

O illustre professor trabalha presentemente na composição musical que ha-de acompanhar a dicção da peça em verso de Menotti del Picchio — *As Mascaras* e ainda num poema sinfonico, com solos e coros sobre a *Nau Catarineta*, de Correia de Oliveira.

Musica apresenta ao Artista as suas melhores homenagens.

JOÃO DE CAMPOS SILVA



LUIZ CRISTINO DA SILVA

Luiz Cristino da Silva, o talentoso arquiteto que tão justamente se evidenciou no Salon dos Artistas Francezes, acaba de ser convidado pelas importantes revistas parisienses *Revue Moderne* e *Revue du Vrai et du Beau* a auctorisar a reprodução do extraordinario trabalho arquitetónico a "Casa de Livia" que mereceu ser premiado pelo juri do Salon com a 1.ª medalha de bronze, concedida por unanimidade, e que é a imediata á medalha de Honra, que não poude ser conferida por ser a primeira vez que o distinto arquiteto portuguez apresentou os seus trabalhos.

O publico que frequentou o Salão dos Humoristas (?) teve ocasião de admirar aquele notavel trabalho, de resto já exposto numa anterior exposição de Luiz Cristino.



Oscar da Silva

Por noticias recebidas directamente de Pernambuco e pelos jornaes vindos d'ali sabemos dos grandes triunfos obtidos pelo grande Artista nosso compatriota:

Do *Jornal Pequeno*, de Pernambuco recortamos as seguintes referencias a Oscar da Silva e fazêmo-lo com muito aprazimento pelo que elas representam de elogioso para o nosso paiz:

«E' uma delicia ouvir-se Oscar da Silva como interprete de Schumann e Chopin. Parece-nos que não é possivel executar com mais elegancia e certeza, de modo mais impressivo.

Brilhante, cheio de impetos deliciosamente chopinianos, a expressão comunicativa das suas notas penetra bem a alma do ouvinte.

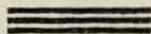
Como ele gradua as emoções das sonoridades!

A agilidade, a exactidão, a nitidez, o sentimento emotivo, o colorido com que executou magistralmente todo o programa anunciado do seu recital de hontem, causaram uma impressão sensacional.

A execução das suas composições, anunciadas no programa, foi precedida de uma interessante dissertação sobre a musica popular de Portugal. Executando, logo em seguida, essas admiraveis obras de estilisação ao terminar cada uma, rompiam, do publico, estrondosas as ovações. O victorioso compositor, após lhe ser entregue um belo ramalhete de rosas, executou, extra-programa, uma outra delicada pagina portugueza.

Encantadora, a festa de arte realisada, ante-hontem, no Santa Izabel.»

Oscar da Silva foi estrear, por especial deferencia, um valioso *Blutner* adquirido pelo Estado. A imprensa propoz que nesse piano fosse afixada uma placa de ouro ou de prata assinalando a passagem do grande artista por Pernambuco.



D. Ema dos Santos Fonseca

A nossa illustre colaboradora sr.^a D. Ema Romero Santos Fonseca (Vera Ghharb), uma das nossas primeiras amadoras de canto, está organizando, além dum concerto de musica moderna italiana em que será conferente Gastão de Bettencourt e outro de musica francesa antiga, a antologia de musica vocal ingleza de 1230 aos nossos dias.

Estes concertos deverão realizar-se no proximo inverno, começando pela canção ingleza, que terá por conferente o sr. Arnaldo Malhõa Migueis, figurando na parte musical, além da organizadora, os nomes de Miss Mabel Potter e dos srs. Pedro Meireles de Canto e Castro e Julio Silva.

Orfeon Academico de Lisboa



Lisboa possui finalmente um grande *orfeon*. A tenacidade de Herminio do Nascimento aliada á boa vontade dos alunos das Escolas Superiores conseguiu a formação de uma importante massa coral, cuja apresentação oficial foi realizada no Teatro de S. Carlos por forma a merecer os mais entusiasticos aplausos nessa noite memoravel, que serviu de incitamento a continuar-se esta importante obra de divulgação musical.

O Orfeon Academico de Lisboa, depois de ter percorrido o Algarve e de se ter feito ouvir varias vezes por ocasião das festas camoneanas, tem dedicado todo o seu esforço na preparação dos programas a exhibir na grande digressão que tenciona realizar ao Brazil, em agosto proximo.

A ida ao Brazil do Orfeon Academico de Lisboa representa uma iniciativa arrojada e todos os que teem fé nos destinos da Raça devem fazer os mais calorosos votos para que a nossa embaixada academica alcance no Brazil aquele triunfo que a nação irmã costuma dispensar aos nossos arrojados empreendimentos.

O Orfeon Academico de Lisboa tem já preparado o seguinte repertorio :



■ No proximo numero ■
"Beethoven na intimidade"
(das memorias de Ries)

Portuguesa; Hino Brasileiro; Hino Academico de Lisboa; Saragaço (coral alemtejano); Panis angelicus, *Palestrina*; Zé P'reira (motivo popular do Douro), *Armando Leça*; Choeur des vigneron, *Mendelssohn*; Le cossaque, *Moniusko*; Romeiros que passam (motivo popular do Minho), *Armando Leça*; O sementeiro, *Alfredo Keil*; Lusiadas (proposição), *Herminio do Nascimento*; Portugal, *Antonio Eduardo Ferreira*; Canção do Marinheiro, *Herminio do Nascimento*; Rapzodias n.ºs 1 e 2 (cantares portugueses) coligidos por, H. do Nascimento; Rapzodia n.º 3 (cantares Brasileiros) idem idem.

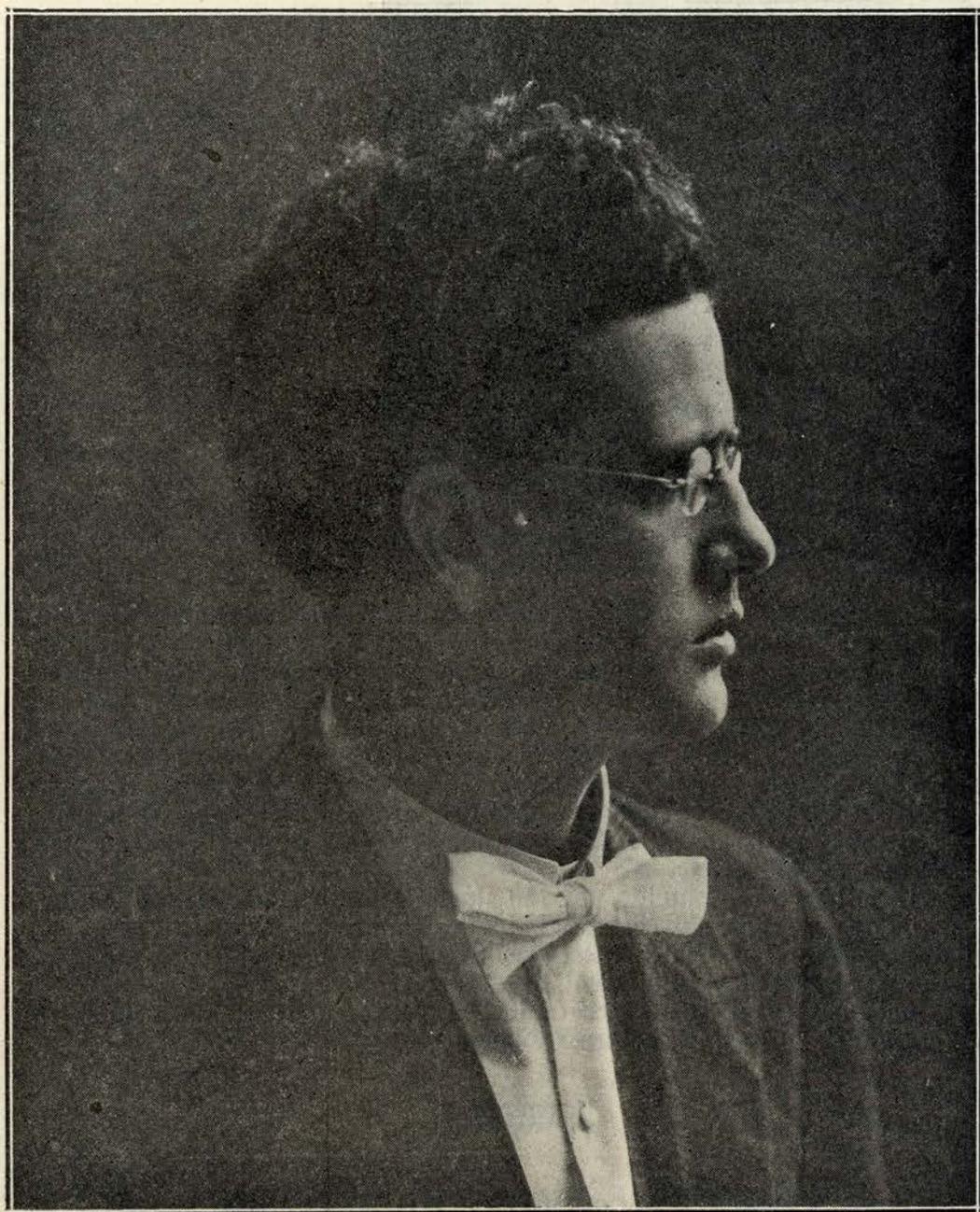
Ensaierà ainda obras de Viana da Mota, Tomaz Borba, Fernandes Fão, Luiz Freitas Branco, etc.

O Orfeon é constituído por 150 alunos das Escolas Superiores de Lisboa, tendo a Direcção organizado com os mesmos estudantes uma Tuna, um grupo de foot-ball e selecções de esgrima e tennis, cujas exhibições serão igualmente feitas no Brazil.

Que o Orfeon Academico de Lisboa alcance um grande triunfo — é a expressão da nossa mais calorosa esperança.



■ No proximo numero ■
"Da Noite Negra" (versos)
■ por Castelo de Moraes ■



(as) RUY COELHO (70)

RUY COELHO

No meio artistico portuguez de ha muito que se tem evidenciado o nome do illustre compositor Ruy Coelho que, atravez de todas as campanhas, justas e injustas, das más-vontades muitas vezes conquistadas por culpa do proprio Artista—tem sempre luctado, impondo o seu grande talento.

E dessa lucta, dêsse esforço constante apesar de nem sempre bem orientado, resultou para Ruy Coelho um triunfo que poderemos considerar a finalidade da primeira epoca do Artista.

Esse triunfo foi-lhe dado pelo jury que presidiu ao Concurso Internacional de Opera, realisado em Madrid e organizado pelo Ministerio das Belas Artes de Hespanha, concedendo o PRIMEIRO premio á opera "Belkiss" que Ruy Coelho compôs sobre o admiravel poema de Eugenio de Castro.

Esse jury era constituido pelos musicografos hespanhoes D. Henrique F. Arbós, presidente; D. Adolfo Salazar, secretario, auctor do artigo *Algo sobre el "sinfonismo"* que publicamos neste numero; e D. Oscar Esplá, D. Facundo de La Vina e D. Frederico Moreno Farroba, vogais.

O resultado oficial do concurso foi o seguinte:

Primeiro premio: 3.000 pesetas, Ruy Coelho, opera *Belkiss*; segundo: 1.000 pesetas, D. Felipe Briones, opera *Judit*; terceiro: 1.000 pesetas, D. Francisco Calés, opera *La Del Panoelo Blanco*.

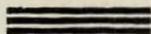
Nos ultimos dias do mez passado Ruy Coelho foi a Madrid para receber o premio que o Ministerio da Instrucção Publica lhe conferiu, tendo o nosso illustre representante em Hespanha, sr. Melo Barreto, aproveitado a oportunidade para promover no palacio da Legação uma brilhante recepção em honra do distincto compositor.

Nos salões da Legação viam-se as figuras mais proeminentes da intellectualidade hespanhola.

Este facto, cujo alto valor é desnecessario encarecer, representa não só uma grande honra para Ruy Coelho como ainda uma gloria para Portugal e ele aviva a esperanza de que o nacionalismo artistico terá a sua hora de resurgimento.

Ruy Coelho—a quem *Musica* apresenta as suas mais sinceras felicitações—acaba assim de assumir uma grande responsabilidade artistica. O compositor que hontem admoestava exaltadamente os criticos, pertence hoje a essa critica e esta decerto não perdoará algumas pequenas *leviandades musicas* do festejado e talentoso auctor da "Belkiss".

J. C. S.



Por muito grande gentileza do nosso querido amigo sr. Vasco Ripamonti de Oliveira, a séde provisoria da *Musica* acha-se instalada em sua casa R. da Luta, 20, 2.º — Tel. C. 4068.

do PORTO



Grupo das senhoras que tomaram parte no *Casal de Margarida* inspirada opereta do nosso ilustre coladorador sr. dr. Coutinho de Oliveira que foi de novo cantada no Porto em festa de caridade, promovida pelas figuras marcantes da primeira sociedade portuense, obtendo enorme successo

Recital D. Cezarina Lyra

No salão Bechstein, no Porto, realisou-se ha dias um recital de canto para apresentação de um grupo de alunas da distinta professora sr.^a D. Cezarina Lyra, que mais uma vez viu coroados de exito os seus esforços porfiados e inteligentes.

A selecção dos trechos executados e a forma por que o foram evidenciaram o «savoir faire» e a tecnica impecavel de D. Cezarina Lyra.

A assistencia numerosa e escolhida prodigalisou a D. Cezarina Lyra vibrantes ovações de que partilharam as suas discipulas, todas pertencentes ás primeiras familias do Porto.—C.



Grupo dos interpretes do «Casal da Margarida» em que figura o auctor desta inspirada opereta,
sr. dr. Coutinho de Oliveira

O VIRA

ESTILISAÇÃO DE UMA DANÇA

POR AUGUSTO PINTO

Olha! Vê como no meio,
No meio da romaria,
Vira
No seu alegre rodeio,
A roda alegre e ligeira.

Melhor não baila e não gira,
Num dia de ventania,
Remoinho de poeira
Numa curva de caminho.

Nem até mó de moinho!
Nem um pião, leve e tonto,
Volta e vira,
Dá tantas voltas sem conto
Como quem anda na dança,
Como quem dança e delira
Sem a mais leve parança
Nas voltas leves do vira.

Crepita a romaria toda em festa.
Ha Sol, ha vinho, ha beijos e cantigas.
Na roda larga e lesta
Já nem poisam no chão as raparigas...
—...Andam no ar, num doido corropio,
Como se fosse rutilos besoiros
Em bailados loiros,
Na luz ardente das manhãs de estio.

E de repente o povo todo salta,
E vira,
E tudo vae ao centro!

Vae a alegria tão alta,
Tanto a alegria delira
Que eu sinto o coração aos saltos cá por dentro.

— Quem podéra cantar!...

Baila-se agora, em cruz.
É uma cantiga d'ouro anda no ar
Como um farrapo de luz.
Uma viola trémula, suspira,
Trila como um roixinol.
É os pares, nas voltas do Vira,
São como abelhas ao Sol.

Ouvem-se palmas — (Traz! Traz!)...
Que linda voz que tem a cantadeira!
Quem podéra tornar a ser rapaz
Para dansar a vida inteira!

Levar a vida inteira na doçura
Duma sagrada romaria,
Sem conhecer o travo da amargura
De cada dia.
Não reparar!
Rir, sem tristeza nem fadiga
Tendo sempre na boca uma cantiga.
— Levar a vida a bailar!

Mas a roda é como a vida,
Vira.
Já de novo a roda gira
Mais larga, mais divertida...

Rapazes e raparigas
Cruzam agora no centro.
— Cantadeira, mais cantigas!
Vamos lá que eu também entro.

Que pelas voltas do Vira,
Sem a mais leve parança,
Quem melhor dança, delira
E depois anda na dança,
E já dá voltas sem conto,
Anda á volta, gira, e gira
Como um pião, leve e tonto.

Até nem mó de moinho
Melhor anda e melhor vira!
Nem por curva de caminho
Remoinho de poeira
Melhor baila e se revira,
Vira com mais alegria
Que a roda alegre e ligeira
Que no mei' da romaria
Vira.

CONCERTOS

RECITAES VIANA DA MOTA

Ouvimos de Viana da Mota dois concertos mais no S. Luiz. Foram duas magnificas e formidaveis lições de Mestre.

Achar palavras que precisem o valor deste Artista, é tarefa difficil, quasi sobrehumana. Ele é daqueles pianistas raros que não se limitam a tocar piano; não sendo tambem dos que iludem os auditorios fáceis, substituindo o talento, que não possuem, por méras sensações nervosas, inconsistentes, momentâneas, superficiaes... Porque ai dêstes ultimos se os nervos, sem disciplina embora, lhes faltam oportunamente. E' um desastre sem socorro possivel, pois que de nada lhes valerão a agilidade e os "trucs". Escancara-se-lhes a miséria mental e convencem-nos logo que são daqueles artistas, mais ou menos habilidosos, felizes ou infelizes consoante... a lua!

Viana da Mota é sempre correcto, invariavelmente perfeito! Ele junta a uma assombrosa técnica, reveladora do que ha de mais heroico ao mais subtil na literatura do piano, um não sei quê de milagrosamente divino na sua forma de interpretar. Escutae-o:—é como um mago! Atravez dos seus dedos o Universo vae-se tecendo em sons de maravilha! Pensa mais do que sente ou sente mais do que pensa? Ninguem o sabe! Dir-se-hia, porém, que é apenas alma!

E' que nem só o interessa o motivo a executar. Ele busca até á minucia a vida do auctor, estuda-lhe o modo de ser, adivinha-lh'o, penetra-se fundamentalmente da sua psicologia e, auctor e composição, funde-os depois tão intimamente que não ha forma de os desligar! Surgem-nos então ambos num corpo só, vivos, eternos, palpitantes, mercê dêsse poder de intuição do Mestre, simples e genial!

A sempre encantadora e variada e inexgotável paisagem que é a alma humana, desde remota idade traduzida por eleitos na arte dos sons, tem, na interpretação de Viana da Mota, a elevação, o character, a côr, a época, a raça, o temperamento próprios.

Mal poisa os dedos no teclado e um som limpido brota do piano. E' um som cheio de nervosidade e distinção, cantante, redondo, perfeito, nunca ouvido por nós a nenhum outro pianista. E é com esse raro e esplendido som que a alma do Mestre canta como um rouxinol, balbucia como uma creança, brinca como um garoto, reza como um monge, arrebatada como um génio! Por vezes dança e é galante; alegra-se e é espirituoso e subtil; ordena e é altivo; marcha e é heroico; indigna-se e é truculento. Chega a pintar com os sons e não ha cambiante que lhe escape. Ha momentos em que medita gravemente, parece que fala, pelo menos convence. Outras vezes supplica numa infinita angustia, exalta-se, chora, soluça e faz sofrer, mas encanta sempre, seduz, enfeitiça, emociona, arrasta e domina magesto-

samente, em pleno infinito de Arte, senhor de inconcebível técnica onde abundam os efeitos pianísticos mais imprevisíveis, desde os imperceptíveis, como que vaporosos pianíssimos, até aos efeitos máximos, triunfalmente orquestrados, correndo escalas que são girândolas de sons, cantando melodias como se nervosamente acendesse estrelas em cada nota e erguendo fantásticos, colossais acordes que esmagam pelo trágico, pelo patético, pelo grandioso, quaes florestas sacudidas por vendavaes ou desgrenhadas ondas quebrando-se com fúria nas rochas de granito, entre montanhas de espuma! E' um assombro!

Por meio da riqueza do som; da facilidade tão natural do doigté; do "perlé" suavíssimo; da presteza e agilidade dos dedos; do uso sábio dos pedaes; da maravilha dos ritmos perfeitos; do valor intencional de cada nota, e sua continuidade; da sensação física do som substituída pelo sentimento da frase e pela exacta compreensão da ideia musical; da clareza da exposição por muito complicada que seja a trama contrapontística; do estilo elevado; da honestidade dos processos; da compenetração dos estados d'alma; do ambiente que a composição deve crear-se a si mesma; do equilibrio que é necessário dar-lhes; da espantosa memoria; dos conhecimentos profundos da historia da musica; da superior illustração; do talento poderosamente interpretativo e do génio criador, Viana da Mota evoca, atravez das mais variadas, mais típicas, mais difíceis, mais transcendentales composições, Beethoven angustioso, escalando na vida uma montanha erriçada d'urzes, mas levando no peito a certeza de cantar, lá no cimo—oh! suprema ironia!—a alegria de viver; ou chopin nostalgico e doente, sonhando esconder na elegancia frivola e requintada dos salões, a imensa dor que o minava; ou ainda Bach litúrgico, profundo e grave; e Liszt, o saudoso Mestre do Mestre e de quem foi o confidente dos mais pequeninos segredos do piano; e Brahms e Schumann e Mendelssohn e tantos, tanto mais!

Todos, enfim ele evoca, até os hyper-esthetics modernos, os históricos da forma, os doentes da época, todos os que foram deixando na literatura do piano a inconfundível marca dos seus valores, das suas almas e das suas vidas!

As orquestras vulgares dão-nos vulgarmente, e unicamente quasi, a sensação física dos sons cariciosos das cordas e dos gritos dos metaes; e estes sons tornam-se naturalmente embaladores.

Mas não nos ensinam nada nem nos dão as altas emoções da Arte porque é raro não lhes faltar a interpretação consciente que ha nos recitales d'este pianista e em que ele, simulando mil almas na sua alma, nos aparece como um glorioso deus do Olimpo entretido a esculpir de sons as almas dos imortaes! Saudemos, pois, Viana da Mota!

Ele é o pianista que, de triumpho em triumpho, atravessou o mundo com a biblia dos Lusiâdas na sua alma!

Ele é o artista que fixou nas suas obras as mais belas expressões do coração português. Ele é ainda dos maiores exemplos, das mais belas lições de trabalho, de dedicação e honestidade artisticas que vemos entre nós! Ele é, enfim uma das fortes razões do nosso orgulho de portugueses!

... E a propósito dos dois ultimos concertos do Mestre, nem sabemos que dizer... As palavras confundem-se na interpretação do grandioso! Deixa-las, as palavras!...

Que fiquem na musica as impressões da musica, essa divina arte—subtil e penetrante essencia das palavras que nunca se disséram...

HERCULANO LEVY

GUILHERMINA SUGGIA

Todas as magias se desvendam... O violoncelo de Suggia, como um bruxo frenético, foi este ano violento das suas artes ocultas... A sua arcada masculina, dominada nas mãos fortes dessa portuguesa de Londres, trasbordou-nos da alma nas *Variações Sinfónicas* de Boellmann.

Guilhermina Suggia repetiu-nos, em duas noites exclusivamente suas, a sua arte formidável do ano passado...

LUIZ MOITA



GUILHERMINA E VIRGINIA SUGGIA

BOTELHO LEITÃO

O romantismo deste pianista é d'hoje, sofre das nevroses repercutidas na vida moderna.

A's impressões exclusivamente românticas da sua predileção musical, sobrevem em Botelho Leitão uma maneira cançada, perfeita no domínio da técnica, intensamente interpretativa na forma de sentir e de expressar. Listz veste galas nos seus dedos, é um *jongleur* de costume de seda, com losangos de côres bizarras. Chopin dir-se-hia vestindo pelo ultimo figurino de Londres, um Chopin conhecedor dos bailados russos e das ultimas proezas da aviação... O ilustre pianista dá-nos, na *Valsa em dó sustenido menor*, mais do que a doença elegante desse genial artista de 1830: junta-lhe a sua, que nós não atingimos tão facilmente, mas que, por certo, não é menos interessante que a dele...

LUIZ MOITA.

MUSICA

Iniciará no proximo numero uma nova secção que se intitulará

ARTE DE MÁL DIZER

pelo DR. LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

O salão da Liga Naval ataviou-se das suas melhores galas na noite de 21 de Maio. Uma poetiza ilustre, delicada e terna falava do romantismo de Schumann e do romantismo de Liszt. Uma poetiza—quando é de facto uma poetiza—é sempre interessante, e fica-lhe bem falar de romantismo e de românticos. Acresce que a Sr.^a D. Oliva Guerra não é uma romantica piegas; tem o sentido humano e nobre da vida, da vida que, para não ser arida e para não ser inútil precisa do amor e precisa da ternura.

A sua inteligência aliada com a sua grande cultura, áquela especial argucia que é do sexo fragil arma aguçada, faz de Oliva Guerra uma observadora interessante que não deixa facilmente passar sem o comentário acre da sua crítica judiciosa os muitos defeitos da pobrinha humanidade e desta—o que é natural—principalmente no que diz respeito ao sexo forte, de quem afinal, só deve ter recebido louvores—o contrario seria mau gosto...

Compreende-se, portanto, o sabor literario, a delicada elegancia e a justa ironia dessa conferencia em que Oliva Guerra estudou as figuras dos dois grandes Mestres, o ambiente em que viveram e as tendencias dos seus espiritos.

E para não deixar perder o encanto que as suas palavras de poetiza deixaram no espirito da elegante assistencia, executou com a sua tecnica brilhante e a sua rara sensibilidade algumas das mais dificeis e das mais belas paginas de Schumann e de Liszt.

Como pianista Oliva Guerra revelou-se uma artista de recursos invulgaes, a que não são extranhos a sua grande cultura e a sua requintada sensibilidade. A interpretação dada aos dois torturados da anciedade foi justa na expressão quanto foi perfeita na execução.

G. DE B.

ORQUESTRA PORTUGUEZA == DE INSTRUMENTOS DE ARCO

Musica, fiel ao seu programa aplaude a iniciativa do joven compositor Alberto João Fernandes que organisou uma Orquestra Portuguesa de Instrumentos d'Arco (em associação artistica), tanto mais que o seu programa não deixa de nos interessar muito particularmente.

O primeiro concerto desta orquestra, realizado no salão do Conservatorio em 20 de maio ultimo, e cujo programa foi constituído exclusivamente por obras de compositores portugueses, deixou a melhor impressão, quer pelo equilibrio das execuções, quer pela forma correcta e justa como Alberto Fernandes conduziu o nucleo de artistas que constitue a sua orquestra, de que é licito muito esperar na proxima epoca.

JULIO CARDONA

Interessava-nos vivamente este concerto em virtude do programa indicar o celebre concerto, op. 11, de J. Joachim, executado pelo illustre professor Cardona, com acompanhamento de orquestra. Com efeito a execução foi extraordinariamente notavel, confirmando-se assim o valor artistico do grande mestre do violino, que pena é apresentar-se tão pouco em publico.

A assistencia que quasi enchia o Theatro S. Luiz na noite de 14 de Junho, prodigalisou ao distincto professor uma entusiastica ovação, da qual compartilhou o prof. Pavia de Magalhães, que dirigiu com grande firmeza a parte orquestral.

O programa apresentava ainda outros numeros que mereceram fartos aplausos, sendo para destacar a forma como se revelou D. Luna Cardona, que consegue no violino revelar um grande poder interpretativo e uma admiravel agilidade. O distincto pianista sr. Abilio Roseira, como sempre afirmando os seus inumeros recursos; o unisono dos violinos executado pelos discipulos de Cardona e por fim a Rapsodia de canções populares, pela orquestra e da autoria do homenageado—foram motivos para que a assistencia ovacionasse com entusiasmo não só os executantes como Julio Cardona, que mais uma vez sentiu quanto apreço lhe consagra o publico.

No 2.^o numero da *Musica* Ruy Coelho publicará um artigo sobre a invenção de José Sampaio (Bruno) *Harmonie Tessadedatonique*.

HOMENAGEM A M.^{ME} PENCHI

M.^{me} Penchi é uma das nossas mais conhecidas professoras de canto, por isso mesmo a homenagem que no dia 30 ultimo lhe foi prestada, constituiu uma carinhosa manifestação, a que não faltou um elevado cunho de Arte.

O programa sobressaiu da banalidade — tantas vezes ridicula — da maioria dos programas das audições de canto e isso já foi uma nota interessante a registar pela critica.

Depois de um acto de concerto em que sobressahiram a nossa consagrada artista Tagide Tavares e Fernanda Corte Real, M.^{me} Lança, etc., um dueto da *Traviata* por Fernanda Corte Real e Luiz Macieira, admiravelmente cantado, um dueto da *Aida* por Bella Gomes e Pedro Freitas Branco que foi um pouco abafado pela orquestra, um *quadro* em um acto, inedito entre nós, do Boris Goudonoff, cheio de graciosidade e posto em scena com arte, o *Quarteto das comadres*, do *Falstaff*, o *dificilismo concertante de Hernani*, etc. A orquestra foi dirigida pelo sr. Pedro Freitas Branco e René Bohet e os acompanhamentos pelo primeiro.

Tarde que deve ter deixado gratas impressões em M.^{me} Penchi e que nos deixou a confirmação do grande valor desta illustre professora de canto.

CONCERTOS DE MUSICA PORTUGUEZA



CORINA FREIRE

Foto Brazil

Creemos ter já bem definido o nosso programa que é todo ele tendente a amparar e aplaudir as iniciativas de que resulte o maior desenvolvimento artístico entre nós.

Algumas temos aqui registado nesta secção e ao lado dessas a dos «*Concertos de Musica Portuguesa*» promovidos pela Associação Académica do Conservatório Nacional de Musica, consequencia já do empreendimento do grupo «*Renascimento Musical*», a que no proximo numero nos havemos de referir, tem certamente um lugar de destaque.

A par do estímulo que estas iniciativas trazem para os compositores que já pódem trabalhar sem o receio de que as obras fiquem na gaveta, a cultura musical vae-se fazendo lenta e proficuamente, creando-se o gosto e o ambiente necessario a tentativas mais arrojadas.

E se é certo que já isto representa uma grande obra, não devemos esquecer que tivemos no nosso passado alguns compositores de valor que merecem ser lembrados.

O primeiro concerto desta Associação foi aberto por algumas palavras do ilustre director do nosso Conservatório, que devem servir de estímulo aos iniciadores desta obra. No programa figuraram obras de Viana da Mota, L. Freitas Branco, Ruy Coelho, Antonio Fragoso e Ivo Cruz.

A primeira parte do concerto constou da *Sonadilla*, em sol menor, do compositor Ivo Cruz. De uma factura muito interessante destacamos o segundo andamento que dominou a nossa atenção, não podendo, entretanto apreciar o valor real da obra, em virtude da deficiencia de execução. Campos Coelho, ao piano, defendeu-se o melhor que pode, pois tendo de lutar com a falta de ensaios, dominou-o a constante preocupação de ajudar o violino, a cargo do sr. Pedro Lamy Reis. Não porque lhe falem qualidades, mas sim porque ainda não possui a experiencia e confiança necessarias para a execução de obras de responsabilidade — que entretanto poderá vencer com aturada persistencia — o sr. Lamy Reis não pode arcar com as dificuldades da obra, fazendo os nossos mais sinceros votos para que breve possamos aplaudir com justiça o joven executante.

Na segunda parte evidenciou grandes meritos de pianista a sr.^a D. Maria José Borges, que tocou admiravelmente os trechos «Balada» e «Vito» do mestre Viana da Mota.

Seguiu-se a amadora de canto, D. Corina Freire. Teremos de ser um pouco extensos, pois entendemos que deve sempre destacar-se do banalismo dos *pseudo*-artistas — quando para isso exista grata oportunidade — aquelas vocações que nos dão esperança de virem a alcançar o lugar que só raros ocupam no Templo da Arte.

Habituaados ao snobismo com que se apresentam dezenas de amadores de canto, cujas vozes se perdem numa noite de *sucesso* angariado por entre um publico de *amizades*; tendo assistido a inumeras audições de alunos, mais ou menos aplaudidos com o entusiasmo que não distingue um ou outro amator de positivo merito futuro, chegando a permitir se a apresentação de uma amadora que cantou na mesma noite em tres tessituras de voz! — torna-se grato para o critico poder transmitir para o papel o elogio a um incontestavel factio artistico.

D. Corina Freire é quasi que um misterio para os auditorios que a teem escutado. Tendo-se apresentado no espaço destes ultimos trez mezes em quatro audições artisticas, sem que a envolvesse a aureola do nome de um professor ou um nome formado na nevrose das secções mundanas, mas sim exhibindo-se com encantadora modestia e consciencia artistica — a interessante amadora de canto prende logo as atenções do publico que estando habituado ao destrambelhamento com que se ilude a arte, extranha a inesperada revelação da artista.

Como deve ser grato para um artista defrontar um publico desconhecido, que se interroga, e vêr depois esse publico ovacionar com calôr!

E como só assim se pode ter a noção de um futuro brilhante!

D. Corina Freire prestando o seu concurso a este concerto — todo mocidade! — contribuiu notavelmente para o seu brilhantismo, dando-nos a conhecer alguns *lieder* portuguezes e dizemos *deu-nos a conhecer* porque ainda não os ouvimos com a interpretação exigida.

De Luiz Freitas Branco tivemos «Contrastes» e «Aquela moça». «Contrastes», que é uma scintilante, ironia, foi cantada pela distinta amadora com intenção e relevo; «Aquela moça», de uma ingenuidade subtil, profunda, teve vida, minucia, côr, atravez a musicalidade da voz da artista.

De Ruy Coelho ouvimos a «Graça», «Santa Iria» e extra programa a «Melodia de Amor».

Julgamos não errar afirmando que o auctor ainda não ouvira os seus pequenos e deliciosos quadros musicaes cantados com a certeza interpretativa, o dom de *dizer* e a entoação melodica de voz que exige a verdadeira concepção do *lied*.

A *graça*, a ternura, a suavidade que soube imprimir ao *lied* «Graça», que é um sonho a ficar na deambulação de uma caricia; a clareza, a intuição do sentimento, o dominio de expressão de que revestiu o *lied* «Santa Iria»; a dramatisação, a alma-scentelha que sente vive, como se cada nota dos ultimos versos fôsse uma lagrima — e tal foi a impressão que adquirimos ao ouvir a «Melodia de Amor».

Muito aplaudida, a illustre amadora repetiu a «Graça» e a «Melodia de Amor», tendo deixado em toda a assistencia a melhor das impressões.

Tendo o critico o maior fanatismo pela cultura do *lied*, de que teve oportunidade de ouvir no estrangeiro a maior notabilidade do movimento artistico contemporaneo, é-lhe grato constatar que Portugal, finalmente, possui uma grande promessa, de tal forma evidente que fará com que os nossos compositores procurem extrair do nosso imenso *fol-kore* tantos e tão interessantes *lieder*.

E não é só no *lied* nacional que a distincta amadora se tem revelado. Em outras audições tivemos o prazer de ouvir *lieder* dos classicos, entre os quais Pergolesi, Scarlatti, etc.; notabilizando-se para nós a interpretação dada á aria de Scarlatti «O cessate di piagarmi», sendo para notar a fórma impeccavel como pronuncia o italiano e quasi perfeita como diz o francez.

Não faltam á illustre amadora de canto condições para alcançar o nome de uma grande artista. Explendida voz, forte, maleavel, inteligentemente empostada e de um timbre que acompanha com doçura as cambiantes de interpretação; com uma bela, clara e firme dicção; com poder dramatico para realisar a intenção subjectiva das obras; com explendida figura, cujo recorte insinua ainda mais o ambiente artistico; com dominio de expressão que possui beleza e graça: — D. Corina Freire além de poder firmar se, dentro de alguns anos, como cantora de opera, tem todos os requisitos que a classica, poetica e difficil carreira do *lied* exige e que, na nossa modesta opinião, devia preferir á da opera.

Lourenço Varela Cid, o illustre professor e «virtuosi», fez brilhantemente os acompanhamentos ao piano, tendo contribuido notavelmente para a homogeneidade de conjuncto.

Não podemos deixar de felicitar o illustre Prof. sr. Antonio Garcia que, servindo-se do seu excelente metodo de canto, muito contribuiu para a excelente revelação da distincta amadora.

A fechar o concerto ouvimos uma Sonata de Antonio Fragoso, ainda inédita.

Trata-se de uma obra de intenso valor musical que a insinuante pianista D. Florinda Santos interpretou com alma e facilidade de tecnica. O publico prodigalisou á illustre artista uma grande e justa ovação.

JOÃO DE CAMPOS SILVA.

ARTUR TRINDADE

Apresentou na noite de 25 do passado mez, no Salão do Conservatorio, os seus discipulos. Entre eles figuravam artistas já aplaudidos e de futuro absolutamente assegurado. Dêstes: Rachel Bastos, Aurora Aboim Rocha e Sales Ribeiro.

Todos os alunos de Artur Trindade revelaram boas qualidades de voz, que o seu professor soube aproveitar com inteligente criterio.

E se devemos destacar alguém, sem duvida que os nomes das sr.^{as} D. Ema Cordeiro, D. Maria do Ceu Foz, D. Josefina Lagos, D. Maria Izabel Pagani e Francisco Marques Diniz devem ser colocados em primeiro plano.

Os outros alunos—D. Esther Buttuler, D. Maria Amelia Melo, D. Fernanda Gaspar de Carvalho, D. Alice e D. Ema Coutinho, D. Maria José Spencer, D. Maria Arrobas Ferraz, D. Margarida Cerqueira, D. Leonor Godinho, D. Gabriela Franco de Castro Teles, D. Erminia Lino de Sousa, Miss Ana O'Sullivan e os srs. Antonio Leite, Americo Costa, Euzebio Pinheiro, Angelo Gaspar e Miguel Guerra, —contribuiram com a sua dicção perfeita, com a expressão que imprimiram ás obras que cantaram, com a sua bela escola, para mais um grande triunfo do seu Mestre.

SOCIEDADE NACIONAL DE MUSICA DE CAMARA

A Sociedade Nacional de Musica de Camara realizou o seu ultimo concerto desta epoca com um programa inteligente, que vem mais uma vez confirmar o alto criterio artistico dêsse grupo de novos de valor que tomaram sobre si uma admiravel empreza, que *Musica* saberá acompanhar com verdadeira simpatia.

A *sonata* de Cesar Franck foi executada por Ivo da Cunha e Silva e D. Florinda Santos, de forma a sobressahirem as transcendentas belezas dessa obra admiravel; o *preludio*, op. 28, de Chopin, bem como o "*Capricho sobre os bailados do Alceste de Gluck*", de Saint-Saens, teve uma interpretação justa; na "*Bacanal*" de Chopin, "*Vieille chanson espagnole*" 1894, de Aubert e no curioso "*Telinkon*", de Stravinsky (que foi bisado) a sr.^a D. Emma Santos Fonseca evidenciou bem os profundos conhecimentos que possui da arte do canto.

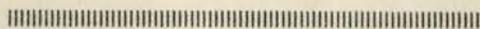
Terminou o concerto com o "*Quartetto*", op. 47, de Schumann, que foi excelentemente executado por Regina Cascaes, Fernando Cabral, Fernando Costa e Raul Pena e Silva.

HOMENAGEM A VIANA DA MOTA

Viana da Mota não é um Artista vulgar. Grande em toda a parte, por isso mesmo qualquer homenagem que se lhe preste tem de estar em relação ao seu enorme valor.

Ora a homenagem que no dia 6 de Junho no Conservatorio se realizou não esteve de modo algum á altura de Mestre, que tão alto tem levantado o nosso nome artistico.

Simplesmente na quente ovação de um publico escolhido que se comprimia na sala do Conservatorio Nacional de Musica, no grande entusiasmo com que esse publico o aplaudiu, o Mestre poderia ter sentido a grandeza da admiração que todos lhe tributam.



MUSICA

Organisa concertos, "tournées", companhias de opera e opereta, e exposições de arte.

Correspondentes em Espanha, França, Italia e Alemanha.

Exposição de Arte Fotográfica

Alves San Payo é o íntimo artista da fotografia, que profunda a alma dos que *pousam* para que desse estudo, que a sua imensa intuição artística extilisa — resulte a imaterialização que domina, vence e estrangula tudo que o *retrato* possui de banal.

Alves San Payo é um artista e, portanto, é um *torturado*. Domina-o a ansiedade do inédito, fixando nos quadros o máximo do seu individualismo creador.

A exposição de arte fotográfica que realizou na casa Castanheira Freire, representou um autêntico sucesso, tendo creado um ambiente de verdadeira notabilidade.

Todos os trabalhos são admiráveis. Côr, minúcia, efeito, interpretação, *scenario* — tudo formando conjunctos admiráveis, por vezes de tal grandeza que excedem os trabalhos que conhecemos de alguns artistas alemães e inglezes.

Entre os trabalhos — e todos são de extraordinario valor — destacamos aqueles em que o artista soube ser maior de que os raros cultores deste genero de fotografia, no estrangeiro.

O retrato da Ex.^{ma} Filha do Visconde de S. Lourenço trabalhado sobre a propria chapa, é de uma extranha estilização que realça a encantadora beleza da ilustre fotografada. Este trabalho, cuja minúcia torna-o uma *obra* que por si só honra o artista, reproduzi-lo-emos no proximo numero.

A fiel reprodução do retrato antigo — Madame Trigueiros — é uma joia de arte, filigranada, que Alves San Payo modelou com infinito carinho, desenhando toda a moldura que é uma perfeita reprodução das gravuras antigas e fixando a ilustre dama com o profundo ritmo do classicismo.

Admirae como Alves San Payo fixa as creanças! A extraordinaria naturalidade dos seus quadros infantis, quando é sabido que as creanças foram sempre uma preocupação enervante para os fotografos! E aquele "Conto de Fadas" é bem a graça, ingenua, natural de um ambiente infantil.

Os *interiores* interessáram-nos pela originalidade de côres e pelos surpreendentes efeitos da sobreposição de tonalidades inteligentemente estudadas. Neste genero distinguimos o quadro que representa a ilustre Família D. Francisco de Almeida.

Os trabalhos a *brometo enobrecido* quasi que ousariamos afirmar como criação do artista, pois até aqui conheciamos, pela interpretação estrangeira, tais trabalhos a negro e Alves San Payo apresenta-os a côres, formando a absoluta ilusão de esplendidos quadros a *pastel*.

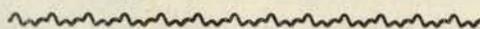


Ainda desejamos aludir ao retrato de M.^{me} Montalvão, cuja expressão de angustia representa uma formidável concepção artística.

Por ultimo o retrato de Teixeira Pascoais. Não se define, sente-se. O artista visou o Poeta; fixou a sua mascara e a sua obra; formou dessas duas visões o Pensamento creador e deu-nos o retrato interpretativo de um grande genio.

Por isso Alves San Payo é o pintor, o desenhista da fotografia. Os seus quadros não representam só os minutos em que a objectiva *fixa* mas ainda aquele estudo minucioso com que o pintor desenha a mascara do seu modelo e com que o escultor modela a visão do seu sonho de Arte.

JOÃO DE CAMPOS SILVA

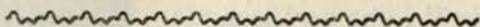


Exposição de humoristas

Tinham prometido os humoristas, expositores do Salão de S. Carlos, ter graça... ao menos no ultimo dia do seu certame, para provar que os justos reparos dos criticos tinham sido baseados numa hipotetica má vontade...

Afinal, simplesmente Cardoso Martha, Ramalho Louro e Alfredo Candido puzeram um pouco de bom humor no fecho da taciturna exposição dos... humoristas.

De resto, a exposição fechou como abriu. Justificou-se uma vez mais o velho adagio: *o que o berço dá... a tumba o leva.*



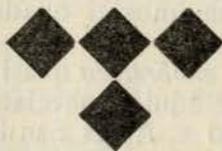
Um concurso internacional

A casa editora alemã B. Schott de Mayence acaba de organizar um concurso para a composição de um «concerto» no estilo de camara para um ou mais instrumentos de acompanhamento, sendo livre a escolha das combinações.

Os premios que essa importante casa oferece são os seguintes: 3.000 marcos ouro e 1.500 marcos ouro.

São admitidos ao concurso compositores de todos os paizes, devendo as composições serem remetidos antes de 1 de dezembro deste ano.

Todas as informações podem ser pedidas á casa B. Schott—editeurs de Musique—Mayence—Alemanha.



AZULEJOS E LOUÇAS

IMITAÇÃO DO ANTIGO

Pelos nossos antepassados foi-nos legada uma riquissima herança, na parte que diz respeito á Ceramica, onde a arte portugueza atingiu um alto grau de perfeição, imprimindo nos seus trabalhos, desde o mais simples até aos de grandes composições um verdadeiro cunho artistico.

Os Azulejos revestindo interiores de edificios religiosos ou profanos, foram alegrando as linhas frias e pesadas d'esses edificios, imprimindo-lhes um caracter proprio, verdadeiramente Portuguez.

Datam, ainda que muito raramente, os azulejos de fabricação portugueza, da segunda metade do Seculo XVI.

No principio do Seculo XVII, começou o seu maior desenvolvimento imitando desenho de tapeçarias, seguindo-se no Seculo XVIII as grandes composições, que em parte alguma a pintura de azulejos monumentaes dessa epoca excedeu esses primores. Seguiu-se a pintura eminentemente decorativa que caracteriza o arabesco do fim do Seculo XVIII (D. Maria I).

O Seculo XIX, nada nos deu de grande, parecendo adormecido, embalado pelos louros colhidos, como cavalleiro vencedor, depois de uma grande batalha.

Varias tentativas se tem feito e algumas com exito, para continuar com essa obra monumental, que nos deixaram e que tão portugueza é, que merece todo o carinho e amparo para que se não extinga e Portugal possa galhardamente continuar a ufanar-se de uma arte bem sua.

Entre essas tentativas, a da Fabrica Ceramica "*Constancia*", Lt.^{da}, superiormente dirigida por dois artistas illustres, sobresaee e merece o carinhoso aplauso pelo que representa no nosso meio artistico.

Leopoldo Battistini e Viriato Silva puzeram toda a sua fé, todo o seu saber nessa obra de reconstituição artistica, de que acabamos de vêr no Museu do Carmo alguns dos melhores specimens.

E não podêmos olhar para essas obras expostas, sem um grande, um profundo enternecimento, tam longe nos vae o pensamento em religiosa peregrinação pelo Passado.

Obra de dois beneditinos, ela vale pelo que representa como expressão de Arte, como exemplo de tenacidade, de fé e até de veneração pelo nosso patrimonio artistico.

Para se concorrer para o desenvolvimento musical é necessario que todos os amadores se interessem por todas as iniciativas que tendam á divulgação musical. **MUSICA** representa uma dessas iniciativas.

As ceramicas decorativas

de Aveiro, que a iniciativa de Antonio Rocha, aliada ao raro senso artistico e cultural de sua esposa, trouxe ha dias ao Chiado, triumpharam magnificamente e impuzeram a sua riqueza de côr e graça harmoniosa de linhas a todas as pupilas estaticas que as contemplaram. Nesta quebra de elegancia e falencia de estesia que agora amarfanha a mais sentida ancia de viver, este bizarro certamen de olarias quasi academicas pela eurtmia escultural, duma geneologia helenica pela vibração do talhe e lusiada pela intenção bucólica dos motivos, foi uma elevada manifestação de beleza formal, a mais pura linha de harmonia plastica que durante semanas entreteve as sensibilidades raras do alfacinha.

Da convexura vetusta do gomil ás curvas musicais da anfora e do jarro; do adelgaçamento assirico das gárgulas ás modelações fantasistas do prato scenico; dos barros de grande sopro, arqueados de fremito decoral, á redondilha ingenua e flexuosa dos pequeninos objectos caseiros—que nudez engenhosa de invenção, que milagre bisantico e amoroso de criar!

Para chegar a este poder ardente e ritmico de plasticização, é preciso, mais que adivinhar, conhecer bem todos os encantos misteriosos, todos os segredos borbulhantes e calados dum corpo divino de mulher. Ora em Aveiro a mulher é a carne viva e voluptuosa duma anfora classica cujo original adormeceu sob o ceu de Tyro e Arad ou entre os barristas de Tanagra. Daqui o segredo maravilhoso, suavemente sensual, dêstes artistas admiraveis.

Mas não é só na função privilegiada das suas mãos que eles se afirmam. A polifonia cromática que arrancam da sua visão imaginativa, ora hieratica, ora paganissima, é um rito, liturgia, balada, canto de volupia ou apaziguamento rustico que dá á tinta um sentido portuguez, um sabor de verso de Bernardim.

E desta maneira, a par da hipnose estética que as suas linhas e sugestões de antiguidade trazem ás nossas afeições espirituais, ao nosso sonho interior, a porção de lusismo ingenuo e poetico que estes barros comportam cria-nos excitações de os beijarmos e escondermos avaramente na ternura secreta dos nossos corações. Porque de todas as vezes que ali no Chiado eu me abandonei ao sortilégio de contemplá-los, sempre fui dominado por este raciocinio:—que numa hora em que se faz avaro mercantilismo com tudo que é portuguez, com tudo que é bem nosso, como fisionomia e alma, valores e tradições, a grande consciencia nacional, fundamentalmente emotiva e lirica, tinha emigrado para as caprichosas faianças dos ceramistas de Aveiro e ali permanecia em toda a frescura bucólica do seu character, gritando religiosamente a sua côr e a sua eterna sentimentalidade. Os oleiros do Vouga são, na verdade, os ultimos lusiadas da emoção. Nos seus dedos iluminados Camões revive a doutrina patriotica das suas estrofes.

ANTONIO DE CÉRTIMA.



ENIGMA

POR GIL VAZ

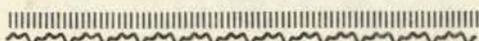
*Não conheço a verdade. Desconheço
Entre varios signaes o que aproxima,
Nem avalio o comovido apreço
Que merece uma lagrima d'estima.*

*Varei as almas para alem do avesso
E para alem das aguias vôo acima,
Mas igual á partida é o regresso,
A vida esfinge nunca mais se anima.*

*Passa um vulto solene, interrogando
Os oraculos dubios. Mãos esguias
Erguem-se com fervôr de quando em quando.*

*Isis a estrela, a fita que me enlaça,
Osiris... tudo aroma d'agonias,
Sombria ronda em volta d'uma taça.*

DOS LIVROS



POR NOGUEIRA DE BRITO

MARIA DE REZENDE — «VERSOS»

Vinte e trez sonetos, uma carta do campo e um panneaux decorativo, é todo o livro «Versos» de que é autora a poetisa Maria de Rezende.

Os seus versos correm tranquilos, ritmicos, bons e cristalinos, como um veio de agua purissima.

A autora fugiu da estonteação das grandes imagens, do efeito brilhante das grandes frases, para se entregar quasi exclusivamente á pintura da Vida no que ella tem de mais delicado, de mais optico e de mais pitoresco.

Sente-se que se diluem nos seus versos, pedaços da sua propria alma, veem-se os reflexos do seu coração, e advinham-se as suas afeições. E se a «Carta de campo» rescende a um bucolismo cristaliano e o «panneaux decorativo» exala um perfume de beleza ornamental, os sonetos atingem o maximo da inspiração da poetisa. Os trez sonetos «Leques», «Ao espelho» e «Pinheiros sobre o mar», são do melhor que a poesia portugueza do ultimo tempo tem gerado.

D. Maria de Rezende cuja emoção delicadissima é pouco vulgar, tem no seu livro «Versos» uma linda obra poetica de que bem podiam orgulhar-se, se dela fossem autores, muitos dos nossos poetas a quem as colunas dos jornais teem cantado hossanas de encomios e hinos de lisonja.

CORREIA DA COSTA — «DOM SEBASTIÃO»

Correia da Costa é da geração nova enamorada do passado literariamente, um dos poetas mais interessantes. Forma entre a curiosa grei dos «simbolistas» e sendo um «imaginario» da forma, não se limita a modelar, cria ambientes, retoca personagens e na delicadeza da contornação, lima as arestas mais dificeis e fulgurisa reverberações mal deliniadas na sua projecção de verdade.

O desaparecido de Alcacer-Kibir, o rei aventureiro, cujo idolatrismo de conquista tão mal compreendido tem sido por historiadores e romancistas, encheu seis cantos dum poema de luz reabilitadora e que é como que uma sintese augusta da vida e declinio do Rei Desejado, origem de esperanças da vinda que ainda hoje como simbolisação real, ainda não se desbotaram de todo no horisonte largo da cortezania palaciana — ainda hoje é o interrompido, ou antes, só continuado no legitimismo miguelista mais palpavel da realidade, mas menos consistente de devoção.

O poema «Dom Sebastião» de Correia da Costa é uma jornada gloriosa de sons e de preces, vibrando os primeiros na religiosidade da evocação e psalmodisando as segundas no pranto do insucesso generico que havia de preceder tragicamente o dominio castelhano, escorraçado de vez

na conjura de 1640. Mas Correia da Costa concentrou a luminosidade da sua incidencia literaria nessa vida fugaz de principe, meteorisação plangente duma epoca infeliz da nossa historia.

O rei Sebastião é a projecção angustiosa da estertorisação do *Indeciso*, de que o Cardeal Rei foi a ramada alta que o vento agitou num estremecimento de fraqueza.

Essa "herealogia" poetica, biografisação do monarca que se perdeu nos areais de Africa, revoluteiamento duma odisseia de martirio, psalterio funebre duma raça que chora e quer subir alto, demonstra em Correia da Costa uma predisposição investigativa, não menos que a segura facetação e a brincada estilisação de caracteres e de acontecimentos.

A tonalidade do descritivo iguala o recorte da frase. A concepção da Ideia irmana-se com a lapidação do sentimento lirico.

"Dom Sebastião" é um poema em que a musica das frases canta o esplendor do assunto numa alvorada de luz tenuissima.

GASTÃO DE BETTENCOURT — «ULTIMO CAPITULO»

Ultimo Capitulo é a primeira obra teatral do distinto critico de arte Gastão de Bettencourt. Sobre ela teem já dado a sua opinião os criticos officiais e, felizmente para o autor com divergencias que afinal mais servem para valorisar o trabalho, porque mal vai ao escritor que congrega em sua volta opiniões uniformes, que trazem naturalmente a indiferença do grande publico não chegando a aguçar sequer a sua curiosidade, pois tão habitua-dos estamos já a ouvir dizer bem, até do que nem uma referencia ás vezes merece.

Quanto a nós, uma das coisas que se deve exigir na obra literaria é a concordancia do sentido estetico do autor com a sua produção. Só assim a função educativa e moral se compreende e justifica.

Pouquissimas vezes o sentido mental dum publicista afinará tão bem com a sua materialisação escritural, como desta feita em que constantemente vemos no "Ultimo Capitulo" o espirito requintadamente elegante que possuiu Gastão de Bettencourt.

Retrata-se a sua educação intelectual e social, desde a primeira á ultima das scenas da sua peça.

Insensatez seria o convencermo-nos que outra directriz podia ser imprimida, que não a do preciosismo literario absolutamente equilibrado e proprio do meio em que as personagens se movem e vivem.

Elegancia de linhas, colorido de formas, em resumo um meio literario subtil, duma tenacidade aristocratica que retoca as figuras e perfuma a sua existencia. Gastão de Bettencourt não quer vangloriar-se de finas modalidades morais, ou balisas de racionalismo; deixa correr a flux os factos que decorrem isocronamente com a sua natural velocidade e batidos da sua logica propria.

Ultimo Capitulo pode incluir-se no numero das obras de teatro em que o dramaturgo deixa á acuidade do ouvinte ou ao ledôr, o complemento, o retoque de tudo o que ele não disse, porque propositadamente o não quiz dizer.

N. B. — Só nos referiremos aos livros de que nos forem enviados os dois exemplares do costume.

NOVIDADE LITERARIA

DO MEU ERMO

((IMPRESSÕES DE BELEZA)

POR

GASTÃO DE
BETTENCOURT



PEDIDOS A ESTA
ADMINISTRAÇÃO

PURGAÇÕES

POR MAIS ANTIGAS E RE-
BELDES QUE SEJAM, CU-
RAM - SE RAPIDAMENTE,
SEM USO DE INJECCÕES,
TOMANDO O VERDADEIRO
: : : ESPECIFICO : : :

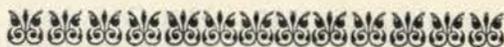
SANDANITOL

PREÇO 15\$00

A' venda nas boas farmacias e no Deposito geral:
FARMACIA CASTRO, SUCCESSOR

Rua de S. Bento, 199 e 199-A

LISBOA



Ilustradora, L.^{da}



FOTOGRAVURA
ZINCOGRAVURA
DESENHO
E AGUARELA



R. de S. Paulo, 232, 2.^o

← LISBOA →



CONTEM PORANEA



REVISTA
MENSAL



NOVIDADES MUSICAES

Rey Colaço

Cantigas de Portugal

Caprichosa coleção de 48 cantos e danças populares portuguezas
num album de 56 paginas

O mais distinto presente para um amador de musica

—♦♦ DE MUSICA ♦♦—

Brochura de 112 paginas contendo referencias e artigos que interessam
ao nosso meio musical

Pedidos a **J. HELIODORO D'OLIVEIRA**

LISBOA — Telefone Norte 3660 — ROCIO, 56, 57, 58

Fotografia Brazil

RETRATOS ARTISTICOS em todos os generos

Modelos novos — Efeitos de luz originals — Constantes novidades

RETRATOS ESMALTE

de finissima applicação em joias — execução perfeltissima e rapida
em todos os formatos e côres

Ampliações e reproduções de retratos antigos

Rua da Escola Politecnica, 14

Telefone N. 851



BELAS ♦♦♦♦♦
COMO AS ♦♦♦
ROSAS ♦♦♦♦♦
VOS TORNAREIS

USANDO DIARIAMENTE :

Agua, Crème e Pó d'Arrôz

RAINHA

DA

HUNGRIA

DA

ACADEMIA
SCIENTIFICA

DE

BELEZA

LISBOA

Avenida
da Liberdade, 23

TELE fone N. 3641
grama Belezak

RIO DE JANEIRO

R. 7 de
Setembro, 166

TELE fone C. 1701
grama Belezak

Grand
Prix
na Expo-
sição In-
ternacio-
nal do
Rio
de
Janeiro

Cruz de
Merito
Industrial
na Expo-
sição
de Milão
1920

SASSETTI & C.^a

EDITORES DE MUSICA

54, 56, 58 — RUA DO CARMO — LISBOA

Agentes dos acreditados Pianos e Auto-pianos:

GAVEAU—RÖNISCH

SCHIEDMAYER

GROTRIAN STEINWEG

(Grand Prix em Berlim)

Pianos-Elctricos HUPFELD

ROLOS DE MUSICA PARA AUTO-PIANOS

Musica nacional e estrangeira.

Cordas e accessorios para instrumentos.

Bustos em biscuit de musicos celebres.

Sassetti & C.^a

LISBOA



MUSICA
REVISTA DE ARTES

DIRECTORES
GASTÃO DE BETTENCOURT
JOÃO DE CAMPOS SILVA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

	ANO	SEMESTRE
Continente e ilhas.	60\$00	30\$00
Colonias	70\$00	36\$00
Extrangeiro.....	60 francos	30 francos
Brazil.....	50\$000	25\$000

(Moeda brasileira)

Numero avulso 6\$00

Colaboram neste numero :

VERA GHARB ; D. OLIVA
GUERRA ; ADOLFO SALA-
ZAR (critico musical do «El
Sol»); NOGUEIRA DE BRITO;
HERCULANO LEVY ; ANTO-
NIO DE CERTIMA ; AUGUSTO
PINTO ; LUIZ MOITA ; GIL
VAZ ; RIPAMONTI D'OLI-
VEIRA ; JOÃO DE CAMPOS
SILVA E GASTÃO DE BET-
TENCOURT • • • • •

CAPA DO PINTOR

MARTINS BARATA

Comp. e imp. na Tip. de O Sport de Lisboa
: : Largo do Calhariz, 29 — LISBOA : :